



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**A CONTRIBUIÇÃO DA AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL,
FÍSICO E SOCIAL DA CRIANÇA: RELAÇÃO MÃE/BEBÊ**

ALINE CRISTINA AVELLAR DE ALMEIDA

Brasília – DF

2015



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ALINE CRISTINA AVELLAR DE ALMEIDA

**A CONTRIBUIÇÃO DA AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL,
FÍSICO E SOCIAL DA CRIANÇA: RELAÇÃO MÃE/BEBÊ**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

Brasília – DF

2015

ALINE CRISTINA AVELLAR DE ALMEIDA

**A CONTRIBUIÇÃO DA AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL,
FÍSICO E SOCIAL DA CRIANÇA: RELAÇÃO MÃE/BEBÊ**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira (Orientadora)
Universidade de Brasília – UnB

Profa. Dra. Maria do Amparo de Sousa (Examinadora)
Universidade de Brasília - UnB

Profa. MsC. Kátia Rosa Azevedo (Examinadora)
Universidade de Brasília - UnB

Brasília - DF

2015

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Maria Cristina, em demonstração da minha admiração e gratidão, por ter escolhido perseverar nessa missão de ser mãe com tanto brilhantismo e bravura, sendo para mim o maior exemplo de dedicação, abnegação e amor; Aos meus irmãos, Alexandre e Angelo, como mais um fruto das muitas conquistas que sabemos ser tão minha quanto deles; Ao meu amor, Matthew, pelo amor e apoio durante essa longa caminhada; e ao meu filho, Arthur Severo, por me fazer mais forte e trazer à minha vida um brilho e felicidade indescritível.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, Ao Pai Celestial pela graça da vida, por me proteger, pela família maravilhosa em que me permitiu nascer, pela minha saúde e de minha família, pelas pessoas generosas e sensíveis que sempre colocou em meu caminho e pela força para superar os obstáculos da vida.

À Profa. Dr^a Teresa Cristina Siqueira Cerqueira, minha orientadora, que durante esse percurso final de curso, despertou em mim profunda admiração pela sua capacidade de compreensão e sutil sensibilidade em lidar com as situações, além da sua excelente orientação acadêmica. Sou grata, por acreditar em mim, no meu trabalho e por me escutar de maneira admirável.

Às professoras, Dra. Maria do Amparo de Sousa e MsC. Kátia Rosa Azevedo que, gentilmente aceitaram contribuir com meu trabalho e participar da banca.

À minha mãe pelo amor e cuidado que me foi dedicado, principalmente na infância, sendo para mim, a principal responsável na construção do ser humano que sou hoje. Sem você, Cris, certamente eu não teria chegado tão longe e não iria querer continuar caminhando.

Aos meus irmãos, Alexandre e Angelo, por sempre me apoiarem e acreditarem no meu potencial e pela amizade incondicional e finda, construída a base de afeto, lealdade e companheirismo desde a infância. Manos, vocês fazem eu me sentir forte e confiante, além de transbordar contentamento e amor.

Ao meu querido, Matthew, pelo amor construído, pelo companheirismo e pela perseverança na construção desta nossa nova família. Sou grata por escolher estar ao meu lado e por ser um marido e pai amoroso, responsável e comprometido.

Ao meu filho, Arthur Severo, por ser o maior presente na minha vida. Pelo seu sorriso diário e suas novas conquistas que me faz sentir imensamente agraciada. Por me permitir conhecer e viver esse amor infinito que tem me feito um ser humano bem melhor.

Aos professores da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, pelo tempo feliz e construtivo que passei com eles e por despertar, em mim, o amor e vontade de querer contribuir na educação infantil.

À Universidade de Brasília – UnB, que me fez aprender a reorganizar a vida e por fim, amar viver com a diversidade acadêmica e nova dinâmica acadêmica. Juntamente com tantos professores que me encantaram aqui na UnB, mais pela sua humana postura do que pelo seu conhecimento.

À Roseli Gonçalves, Guilherme Leão, Lara Daiana, Luciane Rocha e Talwane Canguçu, por me ajudarem, cada um à sua maneira, na construção deste trabalho.

À minha tia avó, Gersolina Lamy, por me acolher em sua casa e me dar à oportunidade de estudar e começar o ensino superior.

Às tantas outras amigas, que desabrocharam durante esse percurso acadêmico, que de uma forma ou de outra sempre me trouxeram alegria e renovaram minhas energias para permanecer firme no meu objetivo.

“O que a memória ama fica eterno.”

Rubem Alves

ALMEIDA, Aline Cristina Avellar. *A contribuição da afetividade no desenvolvimento emocional, físico e social da criança: Relação mãe/bebê*. 69p. Brasília-DF. Universidade de Brasília/Faculdade de Educação (Trabalho Final de Curso), 2015.

RESUMO

A pesquisa em questão tem como objetivo investigar a visão de mães de bebês sobre a contribuição da afetividade no desenvolvimento de seus filhos. Tal investigação foi realizada mediante a análise de conteúdo das entrevistas respondidas por 4 mães de crianças com idade entre 0 e 2 anos. Para isto, trazemos aspectos teóricos da afetividade, ressaltando o quanto esta contribui para o desenvolvimento infantil. Teóricos, como Wallon (1975, 1989, 2007), Cerqueira e Sousa (2011), Galvão (2011), Tomasselo (2003, 2005), Bowlby (2002), dentre outros, foram fundamentais para a construção desta pesquisa. O método de pesquisa adotado foi o qualitativo e usamos como instrumento indutor o roteiro de entrevista. Por meio das análises das entrevistas, observou-se que as mães percebem a contribuição da afetividade para o desenvolvimento de seus filhos como importante, sendo para elas, exteriorizada através da segurança emocional e convívio seguro na sociedade. Observamos que as mães atribuem o sucesso no desenvolvimento do seu bebê à relação afetiva estabelecida entre a criança e os familiares (principalmente o pai) e não somente entre ela e o bebê. Concluímos que o vínculo afetivo entre mãe e filho contribui para o desenvolvimento saudável emocional, físico e social da criança, bem como para a construção da formação da personalidade.

Palavras chave: Afetividade, Desenvolvimento Infantil, Relação mãe/bebê.

ALMEIDA, Aline Cristina Avellar. *A contribuição da afetividade no desenvolvimento emocional, físico e social da criança: Relação mãe/bebê*. 69p. Brasília-DF. Universidade de Brasília/Faculdade de Educação (Trabalho Final de Curso), 2015.

ABSTRACT

The study in question has the aim to investigate the view of mothers with babies on the contribution of affection with the development of their children. This study was carried out by content analysis of interviews that were responded by 4 mothers of children with the ages between 0 and 2 years. To accomplish this, theoretical aspects of affectivity were used, emphasizing on how this contributes to child development. Theorists, such as, Wallon (1975, 1989, 2007), Cerqueira e Sousa (2011), Galvão (2011), Tomasselo (2003, 2005), Bowlby (2002), amongst other authors, were fundamental in creating this study. The adopted method of this study was qualitative and It was used as a tool to induce an interview guide. Through the analysis of the interviews, it was observed that mothers perceived the contribution of affection in the development of their children as important, being for them, externalized through the emotional security and living safely in society. It was observed that mothers attributed the success in the development of their children an affectionate relationship established between the child and the members of the family (principally the father) and not just between her and the child. In conclusion, an affectionate bond between mother and child contributes to a healthy development of the child, emotionally, physically and socially, as well as the construction of personality formation.

Key Words: Affection, Child Development, Mother/Baby Relation

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Categoria 1 – Compreensão do que é afetividade.....	40
Quadro 2: Categoria 2 – Importância da afetividade no desenvolvimento físico do bebê.....	43
Quadro 3: Categoria 3 – Importância da afetividade no desenvolvimento emocional do bebê.....	46
Quadro 4: Categoria 4 – Importância da afetividade no desenvolvimento social do bebê.....	49
Quadro 5: Categoria 5 – Importância da conversa durante a gestação para o desenvolvimento do bebê.....	52
Quadro 6: Categoria 6 – Característica da convivência no cotidiano entre mãe e filho.....	54

SUMARIO

APRESENTAÇÃO	12
PARTE I – MEMORIAL ACADÊMICO	14
PARTE II – MONOGRAFIA	25
INTRODUÇÃO	26
CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEORICO - AFETIVIDADE.....	28
CAPÍTULO II – CRIANÇA E INFÂNCIA E RELAÇÃO MÃE-BEBÊ.....	31
2.1 – Criança e Infância, um breve histórico.....	31
2.2- A relação Mãe-bebê.....	32
2.3- O Processo de constituição da subjetividade: a brincadeira como promissora do desenvolvimento físico, social e emocional da criança.	33
CAPÍTULO III – METODOLOGIA.....	36
3.1 Método.....	36
3.2 Participantes	36
3.3 Instrumento	37
3.4 Procedimentos	38
CAPÍTULO IV: ANÁLISE DOS RESULTADOS	39
4.1 Análise das Entrevistas	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
PARTE III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	59
REFERÊNCIAS	61
APÊNDICES	66
Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	67
Apêndice B – Roteiro da pesquisa de campo (ENTREVISTA)	68

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho final de curso representa um requisito necessário à conclusão da graduação em Pedagogia e tem por objeto de pesquisa demonstrar a importância da afetividade de mães de bebês no desenvolvimento emocional, físico e social do seu filho(a). O mesmo encontra-se estruturado em três partes, sendo elas: Memorial educativo, Estudo monográfico e as Perspectivas futuras.

Na 1ª parte, descrevo o Memorial educativo, no qual trago minhas experiências de vida, com foco nas vivências que tive durante minha trajetória escolar, os fatores que me motivaram a cursar a graduação em Pedagogia, a importância e influência de alguns professores na minha trajetória escolar e o porquê da escolha do objeto de estudo desse trabalho.

A 2ª parte é constituída pela minha monografia, que tem como foco a contribuição da afetividade no desenvolvimento emocional, físico e social do bebê. Esta, por sua vez, subdivide-se em três capítulos: Afetividade; Criança e infância e relação mãe-bebê; Metodologia; Análise dos resultados; e Considerações finais. O primeiro capítulo aborda uma discussão fundamental sobre o que é a afetividade, tendo como aparato, teóricos como Wallon, Vygotsky, Piaget, dentre outros, para explicar o conceito e qual a importância da afetividade no desenvolvimento da criança. O segundo capítulo adentra em uma reflexão sobre a “Criança e infância e relação mãe e bebê”. Neste capítulo refletimos sobre a concepção de criança desde antiguidade até os dias atuais, sobre a importância da relação entre mãe e bebê. E, por fim, abordamos o processo de constituição da subjetividade da criança, tendo a brincadeira como promissora do desenvolvimento físico, social e emocional da criança. O terceiro capítulo aborda: a metodologia, o método utilizado, os participantes que contribuíram com a pesquisa, o instrumento e procedimento utilizado para o desenvolvimento da pesquisa. O quarto capítulo é constituído pelas análises de resultados, no qual discutimos e refletimos, amparado por teóricos como Wallon, Vygotsky, dentre outros, sobre os discursos das mães entrevistadas a fim de extrair o que elas pensam sobre a importância da afetividade no desenvolvimento de seus filhos.

Por fim, apresentamos as considerações finais da autora sobre o estudo desenvolvido e quais suas perspectivas sobre o tema apresentado, bem como a relevância que este teve no seu desenvolvimento acadêmico.

Na 3^a parte, apresento minhas expectativas profissionais futuras como pedagoga.

PARTE I

MEMORIAL ACADÊMICO

MEMORIAL ACADÊMICO

Sou Aline Cristina, irmã de Alexandre e Angelo, filha do meio de Maria Cristina (minha melhor educadora) e José Bernardino. Nasci em Birigui – SP, onde cursei todo período de educação infantil, séries iniciais, atualmente anos iniciais e boa parte do ensino fundamental.

Minha vivência escolar é marcada por bons e maus momentos, mas com certeza as boas lembranças ganharam lugar de destaque e as infelicidades foram partes importantes na construção de quem sou hoje.

Minha primeira infância, caracterizada pelo período entre 0 a 6 anos e atualmente chamada de período de educação infantil, foi uma experiência maravilhosa em minha vida. Eu tenho lembranças gostosas da escola, da amizade que eu e meus irmãos construímos desde pequenos e que perduram até hoje com inestimável companheirismo e lealdade; do amor e dedicação carinhosa da minha mãe conosco; e até dos cheiros maravilhosos que ainda sinto, às vezes, que me remetem aquele tempo.

Iniciei minha trajetória escolar aos três anos, na pré-escola (nome dado naquela época para educação infantil) chamada “Jardim Parque Narizinho”. Aquela era uma escola pequena, comportava quatro turmas entre 3 e 6 anos e ficava a quatro esquinas da nossa casa. Eu tenho lindas lembranças daquele lugar. Lembro-me das musiquinhas que cantávamos, das quais ainda gosto de cantar, pois me faz sentir tranqüila, segura, aconchegada... Também íamos muito ao parquinho, que tinha duas gangorras, um escorregador e um gira-gira. Os sons dos brinquedos enferrujados ainda me remetem àqueles anos maravilhosos de escola. O meu irmão caçula gostava de ir para O Parque Narizinho, mas ele nunca queria que minha mãe se ausentasse. É engraçado recordar. Ele não chorava, mas ela não podia sair da vista dele que ele já saía atrás e a puxava pela mão para sentar lá no fundo da sala novamente. Foi uma grande “luta” de paciência, compreensão e afeto da minha mãe com ele, até que após um mês ele conseguiu ficar tranqüilo sabendo que ela nos deixaria por algumas horas e depois nós nos reencontraríamos novamente. Também é importante ressaltar o quanto as professoras eram carinhosas e pacientes conosco. Minha primeira professora, Shirley, tem uma grande parcela de responsabilidade nas minhas lembranças de experiências agradáveis e construtora da pessoa forte e carinhosa que, creio, sou hoje. A merenda (nome dado ao lanche no interior de São Paulo) escolar também tinha uma enorme importância para mim e meus irmãos, pois além de ser tão gostosa e saudável, muitas vezes foi a nossa refeição principal durante o dia.

Era delicioso fazer os primeiros trabalhos escolares, nos quais quase sempre utilizávamos tinta guache, giz de cera, palitos de sorvete, grãos de arroz/feijão/milho... Foi assim, brincando e cercada de afeto, que comecei a conhecer as letras do nosso alfabeto português. E ainda, sem querer romantizar o presente texto, posso dizer que até hoje quando estou em algum lugar com muito verde ou sinto o cheiro da chuva mansa, volto quase que “inconscientemente” à minha infância. É muito prazeroso recordar, das noites de invernos com chocolate quente ou chá de capim cidreira que tinha no nosso quintal com pão e minha mãe contando estórias, apenas com sua maravilhosa criatividade e atuação. Apesar das dificuldades Eu tive uma primeira infância feliz, com o amor da minha família e o carinho dos professores.

Quando mudei de escola e iniciei nas séries iniciais, existia toda ansiedade da escola nova e “agora” muito maior. Aquele primeiro momento me fez sentir feliz e cheia de expectativa, mas também me deixou com medo. No primeiro ano, foi maravilhoso comprar materiais escolares, uniformes, mochilas, e até tênis. Minha mãe, que trabalhava duro para nos criar e não tinha muito dinheiro, sempre fez questão de comprar materiais escolares dos melhores para mim e meus irmãos. Lembro que todo começo de ano ela comprava apenas uma caixa de lápis de cor e nós três precisávamos dividir o uso, mas era sempre a melhor e maior caixa de lápis que tivesse na loja, o máximo de cores que tivemos foram 36 (nossa, nós passávamos um tempão desenhando e pintando juntos...) Contudo, tirando todo o fascínio de comprar novos materiais escolares, uniformes, mochilas..., eu não gostava muito do ambiente escolar. Recordo que a professora Margarida sempre pedia para que nós fôssemos do lado de fora da sala e sentássemos em uma carteira colocada bem próxima da porta, e ficava sempre ela, o aluno e a cartilha. Assim toda a turma, um aluno por vez, teria que ir até lá para que ela pudesse “tomar” a leitura. Sobre essas leituras, lembro que a professora sempre insistia em me corrigir para fazer corretamente o som do “r” e “rr”. Um dia ela me parabenizou e disse que eu tinha conseguido distinguir o som dos dois Rs. Mas até hoje eu não sei porque ela dizia que eu estava lendo errado, me parecia tão claro que eu sabia e que tinha sido sempre a mesma coisa. Ah, também lembro que existia os “queridinhos” da professora (uma postura errônea e arcaica, quando demonstrada em público, a meu ver). Ela sempre elogiava a caligrafia de uma colega (Luciana) na presença de outros alunos. Qual era a intenção educativa dessa postura? Não sei. Talvez ela nem tivesse consciência de tal postura. Mas tudo bem, eu não me senti a pessoa com a letra mais feia do mundo por que minha mãe sempre nos dizia que tínhamos uma letra linda e éramos inteligentes. Minha mãe já era uma mulher sábia, apesar da pouca idade. Assim os anos foram passando e eu não tinha muito interesse em ir

para a escola, porque me parecia meio inútil, eu me sentia cobrada por parte dos professores, mas não era ensinada. Algo sem coerência. Porém, ao mesmo tempo, era estimulante saber que existia muita coisa para aprender. Então as séries iniciais foram, como se diz no ditado popular, “levada com a barriga”. Hoje sei que não foi inútil. Devo ressaltar que minha mãe sempre nos incentivou a estudar e ela não fazia isso apenas com palavras, ela era exemplo e participava da nossa vida escolar, embora tivesse que trabalhar e quase não tivesse tempo.

Comecei a cursar o ensino fundamental ainda em Birigui – SP, cidade onde nasci. Mudei de escola outra vez, fui estudar no “Regina Valarine Vieira”, uma escola pública do Estado de São Paulo. Nesta escola eu cursaria da 5º ao 8º ano. Como sempre, minha mãe foi comprar os materiais escolares conosco e foi muito gostoso. Mas a escola não era estimulante. Eu sentia como se estivesse em uma espécie de trabalho obrigatório, daqueles que a gente não vê a hora de acabar pra poder ir para casa. Nesta época minha família (minha mãe, eu e meus dois irmãos) também vivia um momento financeiro e sentimental muito difícil. Meus pais haviam se separado há pouco tempo e minha mãe assumiu a família, com toda sua bravura, sozinha. Para nossa alegria, (quando digo nossa, neste caso, quero dizer minha e de meus irmãos) meu avô foi para Birigui e decidiu que nós viríamos morar com ele aqui em Brasília, mas precisamente no Jardim ABC, Cidade Ocidental. Como ficamos felizes por isso! Nós sempre viemos passar as férias de fim de ano com os avôs. Esperávamos todo ano, que quando se é criança demora muito, para poder viajar para casa dos avôs e nosso maior sonho era morar aqui com eles. A escola era bem pequena também, atendia as pessoas do bairro onde moramos (jardim ABC), que era um bairro rural afastado da cidade. O ensino não era muito diferente, mas eu me sentia mais estimulada por estarmos perto de toda a família. Nós fazíamos aula de educação física em turno contrário ao das disciplinas comuns, o que era uma novidade para mim e ainda teve dois professores que davam aulas de dança de salão. Foi ali que comecei a me apaixonar pela dança, mas isso é só um detalhe. A vida era mais prazerosa, e os estudos, embora com pouca qualidade, assimilados com mais facilidade.

Terminei o ensino fundamental e tive que mudar de escola novamente. Fui estudar no Centro Educacional do Lago Sul – CEL. Dessa vez sim senti um frio na barriga. Todos os alunos podiam escolher entre três escolas do DF, sendo que uma delas era O Elefante Branco, a outra ficava em São Sebastião, para onde iam a maioria dos alunos que saiam da Jataí. E a terceira e mais difícil de conseguir vagas era a que fui. Foi um pouco mais fácil para mim e meu irmão caçula, porque minha tia e meu irmão mais velho já tinham estudado lá e segundo o depoimento deles “não era moleza não”. De fato não foi (que bom). Eu tive muita dificuldade para aprender, porque me faltava o conteúdo precedente para entendimento do

conteúdo proposto. Mesmo assim, os professores, ou pelo menos alguns deles, não “passavam a mão na cabeça” de nenhum aluno. O que me fez ter que aprender muitas coisas, principalmente as que eu não tinha aprendido antes. Mas é obvio que eu não consegui aprender tudo, era pouco tempo pra aprender o conteúdo novo e ainda todo o que eu tinha perdido nos anos anteriores. Eu tinha muita dificuldade com as matérias da área exata, que obviamente são as que mais precisam de conhecimento prévio para aprender o conteúdo novo e, por isso eu fiquei de dependência (recuperação da disciplina para ser cursada no turno inverso ao da aula) em três matérias durante os dois primeiros anos. No terceiro além de ter que fazer a dependência, ainda tinha dificuldade com o transporte para ir para escola. Meu ##, que era quem pagava nossas (minha e de meus dois irmãos) passagens para ir à aula, me disse que nós precisávamos sair daquela escola e ir para outra lá do bairro, que era muito fraca, porque ele não iria mais pagar nossas passagens. Eu fiquei muito indignada e magoada e, pensei comigo, “nós não vamos mudar de escola!”. Consegui um trabalho de secretária e fui trabalhar para conseguir pagar as passagens para podermos ir para escola. Minha mãe também foi conversar com o conselho da escola e eles nos davam uma parte do dinheiro e assim, conseguíamos comprar os vales transportes. Aliás, diga-se de passagem, que bom que nenhum aluno precisa mais pagar transporte público! Nós estudávamos pela manhã. Sempre acordamos às 5hs para ir para aula e chegávamos em casa às 14hs. Neste ano eu desisti da escola no terceiro bimestre, porque minhas notas eram muito ruins e eu sabia que não iria conseguir terminar o ensino médio naquele ano. Conteí para minha mãe que sairia da escola naquele ano porque não ia conseguir passar de ano e estava ficando muito cansada. Assim eu descansaria e gastaria menos dinheiro. A maioria dos parentes não acreditou que eu iria voltar, porque eles não estudaram muito e não acreditam muito no estudo, mas minha mãe entendeu e confiou em mim. No ano seguinte eu voltei e cursei o terceiro ano junto com meu irmão caçula. A direção da escola não nos deixou estudar na mesma turma, mas ele me ajudava muito. Eu preciso dizer: meus irmãos sempre foram muito inteligentes, na área de exata eles sempre foram os melhores da série que estavam cursando. Eu tenho um orgulho enorme deles. Mas o que mais me marcou naquela escola foram os professores. E um deles foi muito especial, querido Mario Noronha, professor de matemática. Ele era aposentado da aeronáutica e dava aula porque amava ensinar e dizia que quando se aposentou achou que estava muito novo para parar (que bom!). Ele foi um presente ou um anjo na minha vida e, certamente, ele nem sabe disso. Eu aprendi muito com ele. De tudo que ele me ensinou, acho que o que menos assimilei foi a matemática e, sinceramente, ele era um excelente professor. Ele sabia o que ensinar e como ensinar. Irônico, não é? Mas, acima disso, ele era um homem sério que

todos respeitavam. Principalmente os alunos mais problemáticos. Sempre nos incentivava a estudar e ter perseverança. Nos seus discursos sempre nos falava que [“a vida não era moleza não. E que para conseguir o que queríamos tínhamos que lutar muito e sempre, ter força e determinação, acreditar que íamos conseguir e não olhar para os que estavam parando ao nosso lado, que assim iríamos conseguir nossos objetivos.”] Eu nunca vou esquecer que na última prova do 3º ano, ano este que eu estava cursando pela segunda vez, eu tirei 60% e a minha nota foi a maior da turma. Nossa como foi bom, o 60% daquela prova teve um valor muito maior do que muito SS que já recebi. Digo com toda certeza que aquela foi a escola da minha vida... Não pelo conteúdo que, diga-se de passagem, eu não aprendi muito. Mas tudo que além do conteúdo escolar se aprende junto. Aprendi que se tivermos força de vontade se vai longe, que sempre tem amigos para ajudar a gente se realmente queremos algo e que ter fé e um motivo além de nós mesmo para fazer as coisas torna tudo mais suave e significativo.

Para falar do meu curso na universidade é necessário que eu volte um pouco antes. Quando eu estava no ensino fundamental um tio avô meu veio me perguntar se eu gostaria de morar com uma irmã dele, minha tia avó, em Florianópolis e eu sem excitar respondi que sim. Daí ele me disse que quando chegasse a hora eu iria. É claro que eu não dei atenção para isso, pensei que fosse só mais uma dessas conversas que a gente joga fora num sábado de churrasco em família. No fundo, eu sempre pensei em morar no Sul do país, provavelmente por ter sempre ouvido falar por todos que lá se tinha uma qualidade de vida ótima e que o lugar era muito lindo.” Bem, depois que terminei o difícil ensino médio em 2005 e, me senti muito aliviada por isso, continuei trabalhando. Mudei de trabalho algumas vezes, mas nunca parei. A vida em casa estava um pouco melhor e os almoços de família continuavam a acontecer todos os fins de semana. Alias, vale lembrar que era muito gostoso ter toda família reunida na casa do meu avô, que é onde morávamos, e nós nos divertíamos muito, assim a vida ficava mais leve. Em 2007 eu comecei a trabalhar em um quiosque de cachorro quente na Asa Sul. Embora, aparentemente, não pareça tão interessante, preciso dizer que aquele trabalho foi maravilhoso, para mim e minha família. Primeiro eu fui trabalhar com minha tia, lá eu ganhava mais dinheiro do que em todos os outros trabalhos que já tinha trabalhado e isso era muito bom. Eu podia comprar coisas para casa. Todos que passam por necessidade sabem o quanto é maravilhoso poder trabalhar e ter condições de contribuir com sua família, a alegria que sentimos em poder ser útil e ajudar não tem explicação. Depois de alguns meses, minha tia saiu e minha mãe entrou no lugar dela, o que aumentou a renda da família. Meus irmãos também iam trabalhar alguns fins de semana... Nós trabalhávamos muito, mas além do orçamento familiar, que havia melhorado muito, o ambiente que estávamos era muito alegre.

No fim do ano de 2007, em um dos habituais almoços de sábado, meu tio avô me disse que era pra eu me aprontar que minha tia avó estava se organizando para eu ir morar com ela no início do próximo ano e me perguntou se eu ainda gostaria de ir. Eu “meio” descrente do que estava ouvindo, disse que sim. No início de fevereiro de 2008 arrumei minhas malas e “embarquei” em um ônibus que sairia de Brasília-DF rumo a Porto Alegre-RS, com destino a Florianópolis-SC. Aquela foi a viagem mais longa e também mais bonita que já fiz. Por causa das chuvas fortes do verão daquele ano, tinha enchentes no sul e isso nos fez ficar parado na BR por 8hs a mais que o previsto, totalizando 42hs de viagem. O bom foi que o caminho era lindo e eu tive a companhia de Senhor muito sábio e simpático que ia me contando histórias e tradições do Sul do país. Quando cheguei lá fui recebida com todo carinho pela minha tia avó. Mas, como na maioria das vezes, as coisas não são como a gente idealiza. Comigo não foi o contrário. Eu levei um choque de realidade e no outro dia eu queria voltar para casa. Não voltei graças ao meu irmão mais velho que, no telefone, me disse para agüentar mais dois dias e depois mais uma semana, e depois mais outra... até que eu me habituei e resolvi ficar para tentar conseguir o que eu fui fazer (estudar para entrar na universidade). Quando eu cheguei lá também havia chegado dos Estados Unidos um amigo do meu primo Eduardo (filho único dessa minha tia avó) que foi passar uns meses lá. Bem, eu fazia cursinho à noite e durante o dia eu ajudava nas coisas da casa. Após três meses de cursinho eu fiz o vestibular para o curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. E neste mês o Matthew (o amigo que estava lá conosco) precisou voltar aos Estados Unidos porque o visto dele de turista estava terminando. Minha pretensão não era o curso de Pedagogia e sim o de Psicologia, mas na universidade do Estado não tinha este curso e o vestibular da Federal seria só no fim do ano. Então eu fiz o vestibular da estadual só para ver como eu estava me saindo nos estudos. Passei no vestibular! Que surpresa foi para todos nós, menos para minha mãe que me disse “Eu já sabia. Tudo é do Pai Celestial...!” Fiquei feliz e emocionada, a única coisa que eu queria era ter minha família por perto para comemorar. Depois disso, *tudo* mudou... Comecei o curso de Pedagogia sem nenhuma expectativa, apenas comecei. Um mês depois do início das aulas descobri que eu tinha feito o vestibular exato para mim. Eu sempre pensei em fazer psicologia, mas eu queria ser psicopedagoga ou alguma coisa do gênero, porque sempre amei o mundo infantil e as crianças. Na verdade eu acho que nem sabia exatamente qual curso eu deveria fazer para poder exercer a profissão que eu queria, que era ser alguém que educa, ajuda e orienta as crianças e alguém que faz tudo isso com amor e muito carinho. Lá na UDESC eu fiz algumas amigas e sempre me dediquei muito aos estudos. Estando longe da minha família, à qual eu tenho um “apego” enorme, e agora com o amigo que tinha ido

embora longe, eu me concentrava em fazer o que fui para fazer: estudar. Eu amava ir para aula todos os dias caminhando. Mesmo nos dias de chuva eu gostava de poder ir para aula com minhas amigas e rir do quanto elas ficavam bravas por estarem se molhando debaixo do guarda-chuva. No primeiro semestre, estagiei na própria universidade, como auxiliar da secretária dos departamentos. Foi muito bom para eu conhecer melhor o ambiente. Já neste semestre a aula de psicologia me chamava mais atenção do que qualquer outra. No semestre seguinte o Matthew estava voltando para o Brasil para fazer mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e eu, fui estagiar em uma escola de educação infantil que ficava a 10 minutos de casa caminhando. Que maravilha era aquilo! Até hoje me lembro daquelas crianças que acima de tudo confiavam em mim. Não existe nada mais gratificante quando uma criança de 1 / 2 anos confia na gente. Neste período a minha paixão pelo universo infantil e a vontade de conhecer e estudar sobre a relação de confiança que os pequenos estabelecem com a gente e o vínculo fascinante entre eles e as mães já despertavam em mim. O primeiro, segundo, terceiro semestre passaram e eu vinha para Brasília apenas nas férias. Era difícil para comprar passagem, mas eu vinha duas vezes por ano. Todas as vezes que eu precisava voltar era muito angustiante. Em novembro de 2009 eu e o Matthew começamos a namorar, depois de tanto tempo como amigos, o amor aumentou, ou mudou, seja como for. Nós namorávamos à distância e nos víamos pouco, uma vez ao mês, às vezes. Mas sempre foi um relacionamento tranquilo e cheio de certeza. Apesar de toda tranquilidade que existia lá eu queria ficar perto da minha família e então eu decidi que iria voltar para Brasília. Enquanto isso o Matthew estava fazendo Mestrado em Porto Alegre. Ele ficou triste porque ficaríamos mais longe, mas por outro lado ficou feliz porque eu estaria mais feliz perto da minha família. Eu tranquei a universidade em Florianópolis e voltei para Brasília no meio do ano de 2010. No início do ano de 2011 fiz a prova de transferência facultativa e entrei para Universidade de Brasília. Eu me sentia perdida aqui na UnB e confesso que por vezes, ainda me sinto. A dinâmica da Universidade era diferente. São muitos detalhes que, somados, fez tudo parecer totalmente diferente do que eu pensava no que diz respeito à universidade. No meu primeiro semestre aqui eu soube que existia as disciplinas de projetos e que eu precisaria fazer todos eles, porque é uma regra da universidade. Foi quando eu soube que provavelmente eu precisaria ficar mais quatro anos na universidade e fiquei apavorada, desapontada... Eu não queria! Quando isso acontece parece que tudo que a gente já estudou não teve valor. Foi então que eu soube que poderia fazer dois projetos e/ou três projetos juntos na disciplina de Economia Solidária, que, diga-se de passagem, eu tive uma empatia instantânea pela professora. Ela tinha uma alegria e demonstrava um prazer no que fazia que era contagiante.

Sem falar na inteligência, conhecimento e desenvoltura admirável que demonstrava. Eu nem sabia o que me esperava nesse projeto, mas como minha intenção era conseguir fazer os projetos juntos para tentar me formar pelo menos em dois anos, sem exitar eu agarrei essa oportunidade. Assim eu fiz três semestres de economia solidária em Samambaia. Embora não fosse meu interesse de perspectiva futura, foi muito bom para minha formação como educadora. Lá eu aprendi como funciona a economia solidária e acima de tudo como é importante que as pessoas trabalhem juntas e juntem suas diferentes forças para poder alcançar um objetivo comum. Durante esses três semestres eu também fazia estágio na área de educação infantil (brinquedoteca/escola de educação infantil) e cursava minhas disciplinas à noite. Foi muito cansativo para mim, como para muitos alunos da UnB, porque eu morava longe da Universidade e dos estágios. Eu sempre precisava sair correndo da aula para não perder o último ônibus que sai às 23h00min da rodoviária, chegava em casa às 12:20 e precisava sair às 6h do outro dia. Muitas vezes eu tranquei disciplina por me sentir sobrecarregada, cheguei até fazer apenas duas disciplinas em um semestre. Assim meus semestres se passaram e a universidade ficou cansativa, eu já me sentia esgotada, desanimada. Mas sempre foi delicioso trabalhar com as crianças. Depois de mais de um ano longe, no final de 2012 eu e o Matthew decidimos que ele voltaria para o Brasil e ficaria na casa da minha família enquanto não encontrasse um trabalho como geólogo, porque estava muito difícil ficarmos longe. No começo de 2013 eu iria me formar na economia solidária, mas eu não sentia que estava fazendo a coisa certa, não era o caminho que eu queria seguir... Minha paixão sempre foi os pequenos. Então eu decidi que não me formaria naquele semestre e apenas fiz algumas disciplinas e continuei trabalhando. As disciplinas que eu fazia eram sempre ao universo infantil, como por exemplo, literatura e educação, com a querida professora Ana Dilma, que foi cheia de alegria e com uma dinâmica deliciosa para conhecermos novos autores/livros e contextos infantis. No semestre seguinte eu não fiz projeto porque eu não sabia quem procurar para me orientar e então apenas terminei minhas disciplinas e deixei para me formar no próximo semestre. Em setembro de 2013 eu engravidei. Esse foi o momento mais delicado da minha vida. Eu não havia planejado esse filho, mas há muito tempo ele foi desejado. O meu maior sonho era ser mãe, mas eu imaginava uma situação diferente para acolhê-lo. E o meu maior medo era perder a amizade leal que tenho com meus irmãos e de magoá-los. O meu noivo apesar de assustado com a situação sempre me apoiou e esteve sempre ao meu lado, o que foi de extrema importância durante a minha gestação. Enfim, foi um momento muito delicado e cheio de emoções para todos nós em casa, inclusive para o Matthew. Mas eu sempre falei para o Arthur Severo, meu filho que já completou 1 ano de vida e que só trouxe

luz e alegria em nossas vidas, que ele era uma criança muito amada e que as pessoas apenas estavam confusas por causa da mudança que aconteceria nas nossas vidas. Eu continuei trabalhando e indo para a Universidade à noite, mas com menos frequência por causa das interferências que sentimos quando estamos grávidas. Bem, agora eu precisava me formar de qualquer maneira, porque eu iria precisar de tempo para o meu filho e depois ficaria muito difícil. Depois de falar com algumas colegas e professoras, consegui falar com a professora Fátima Guerra para me orientar na área de educação infantil. Conteí minha situação, falei que gostaria muito de falar sobre a relação das mães ou professoras com bebês ou sobre o lúdico. Também conteí que queria falar sobre isso porque nas escolas que trabalhei sempre tive nas turmas das crianças mais novas e eu acreditava que esses eram os principais fatores de bom desenvolvimento infantil. Ela me deu sua opinião sobre o que seria mais viável para mim naquele momento e eu me inscrevi no projeto 5, para falar sobre o lúdico como fator de qualidade na educação infantil. Eu pensei que conseguiria desenvolver o projeto, mas me enganei. A gestação foi me deixando mais cansada e a gente ainda tem várias confusões de sentimentos/hormônios. Eu decidi que não queria ficar estressada com isso e que cuidar do meu filho era mais importante. E, mais uma vez, desisti de me formar. Não me arrependo. O Arthur Severo é um garoto muito saudável e certo de que está cercado de afeto e proteção. Depois do nascimento do Arthur Severo eu decidi que queria pesquisar sobre a afetividade, mas especificamente sobre relação mamãe/bebe e me sentia segura para fazer isso agora que sei exatamente o que é ser mãe. Consegui o telefone da minha professora orientadora Tereza Cristina com uma amiga que tinha sido orientanda dela há alguns semestres passados e, pedi para conversar com ela... Ela aceitou me orientar, no segundo semestre de 2014, e eu me senti plenamente agradecida por poder falar de um assunto que eu já amava e agora amo muito mais e, porque sei que teria uma orientação específica de enorme qualidade.

Embora eu tenha trabalhado no projeto 5 em 2014/2, não consegui conciliar a maternidade e toda atenção e carinho que um bebê, a meu ver, precisa, com o trabalho. Por isto estou terminando neste semestre o trabalho de conclusão de curso. Este trabalho é fruto do meu amor, perseverança e dedicação. Mas também é fruto de muitas outras pessoas que me ajudaram a chegar ao fim desta caminhada que foi cheia de curvas e obstáculos, superação e conquistas.

Enfim, durante a minha vida, descrita acima, tive certeza que o afeto e o acolhimento é sem dúvida alguma, o fator mais importante na construção de um ser humano feliz e vencedor. Foi minha experiência de vida, tanto com professores quanto entre família, que me fez ter certeza de que além do comprometimento com o cognitivo, psicológico, social, é o

comprometimento com o afetivo que faz com que todas as outras potencialidades se desenvolvam com êxito, além de construir um ser humano que soma na sociedade.

PARTE II

MONOGRAFIA

INTRODUÇÃO

A relação entre mãe e filho é, normalmente, a primeira interação que a criança tem com o mundo e, acredita-se, neste trabalho, ser a relação mais importante para o desenvolvimento da criança pequena. Esta relação pode ser bem ou mal sucedida dependendo da maneira e situação com que mãe e filho irão interagir neste momento.

Atualmente a mulher conseguiu um espaço importante no mercado de trabalho e com isso, sua dedicação aos filhos tem sido algo cada vez mais desafiador. A mãe que antes se dedicava aos assuntos de casa e à criação/educação dos filhos, agora trabalha fora e tem menos tempo para cuidar dos assuntos de casa. Esse novo contexto incitou o desejo de conhecer e perceber como estas mães, que se reestruturam diariamente para conseguir dar conta do emaranhado de tarefas e responsabilidades que lhes são atribuídas, pensam sobre a importância da afetividade na relação entre elas e os filhos para o desenvolvimento dos seus filhos.

Esta pesquisa busca analisar o discurso das mães de bebês sobre a afetividade no desenvolvimento emocional, físico e social do seu filho(a), apresenta as análises feitas por meio de entrevistas, aplicadas através de roteiros de entrevistas, a fim de conseguir verificar de que maneira as mães de crianças pequenas (bebês) percebem que a afetividade contribui no desenvolvimento do seu filho(a).

A criança que é amada e tratada com carinho e afeto é visivelmente mais desenvolvida física, emocional e socialmente. Pois:

As influencias afectivas que rodeiam a criança desde o berço não deixa de exercer uma acção determinante na sua evolução mental. Não porque criem inteiramente as suas atitudes e as suas maneiras de sentir, mas pelo contrário, precisamente porque se dirigem, à medida que eles vão despertando, aos automatismos que o desenvolvimento espontâneo das estruturas nervosas mantém em potência e, por seu intermediário, a reacções de ordem íntima e fundamental. Assim se mistura o social com o orgânico. (WALLON, 2005, p.141)

Em um momento em que a vida está tão cheia de influências tecnológica, além das tarefas no trabalho, ser mãe e dedicar tempo, atenção e escuta ao filho tem sido um desafio, é importante conhecer como as seis mães participantes entendem a afetividade.

Portanto, a afetividade é o pilar deste estudo, pois, acredita-se que é este o maior quesito para o bom desenvolvimento do ser humano em sua integridade. Tendo como princípio que este desenvolvimento começa através do vínculo entre mãe e filho, buscou-se identificar como as mães de crianças entre 0 e 2 anos, percebem o benefício da afetividade na relação que elas têm com seus filhos, bem como identificar como estas mães contribuem, conscientemente, para o desenvolvimento da relação afetiva com seus filhos.

Esta pesquisa buscou esclarecimentos fundamentais do quão a afetividade, o carinho e o tempo da mãe, dedicados ao filho, é essencial para a construção de um ser humano saudável, seguro e sociável.

Na tentativa de elucidar o quão a afetividade é fundamental para a relação mãe-bebê, os seguintes objetivos foram traçados:

Objetivo Geral:

Analisar o discurso das mães de bebês sobre a afetividade no desenvolvimento emocional, físico e social do seu filho(a).

Objetivos Específicos:

- 1- Identificar como as mães contribuem, conscientemente, para o desenvolvimento da relação afetiva com seus filhos;
- 2- Identificar como as mães de crianças entre 0 e 2 anos, percebem o benefício da afetividade na relação que elas têm com seus filhos.

Para tanto, faz-se necessário, inicialmente uma revisão da literatura, em especial sobre afetividade.

CAPÍTULO I

REFERENCIAL TEÓRICO

AFETIVIDADE

Neste capítulo, abordaremos alguns aspectos relevantes sobre o que é a afetividade. O intuito maior aqui é entender que a afetividade varia de significado de acordo com as abordagens sociológicas, filosóficas, psicológicas e pedagógicas. No entanto, focaremos nos aspectos psicológicos e pedagógicos que é, neste trabalho, de interesse prioritário.

Se procurarmos nas diversas teorias, iremos encontrar vários significados para afetividade. Começando pelo mais comum, no Dicionário Aurélio (1994, p.80), por exemplo, o verbete afetividade está definido da seguinte forma: — Psicol: Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza.

Na literatura clássica encontraremos correntes que afirmam que afetividade está principalmente ligada às emoções. Uma dessas abordagens, defendida por autores como Kantor e Lapique, diz que as emoções são ações incoerentes e tumultuadas e atribui a ela um efeito perturbador sobre a atividade intelectual (ex: perda de controle em situação de risco). Outra tendência, representada por Cannon, dirá que a emoção tem poder ativador para reações positivas (ex: corrida de fuga em situação de risco) (GALVÃO, 1995).

Piaget diz que a afetividade se manifesta em uma das fases do desenvolvimento infantil, e que corresponde ao que se dá no campo cognitivo com relação ao período sensório-motor e está diretamente ligada às necessidades biológicas de conforto e desconforto e a sentimentos de êxito e fracasso. Desta maneira a afetividade está diretamente ligada ao desenvolvimento físico e emocional da criança, quando suas necessidades serão expostas pelas emoções. A mãe, neste sentido, tem essencial contribuição para o bom desenvolvimento dessa criança. Piaget ainda ressalta a importância do afeto para o desenvolvimento psíquico e intelectual da criança. Como podemos ver a seguir:

"É indiscutível que o afeto tem um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem o afeto não haveria nem interesses, nem necessidades, nem motivação; em consequência, as interrogações ou problemas não poderiam

ser formulados e não haveria inteligência. O afeto é uma condição necessária para a constituição da inteligência. No entanto, em minha opinião, não é uma condição suficiente." (PIAGET, 1962/1994, p.129, in: Souza 2011, p 253)

Para Vygotsky , a construção da gênese dos processos mentais é elaborada ao longo da vida do indivíduo, através da internalização e essa construção acontece através da interação do sujeito com o meio. Acrescenta, ainda, que no desenvolvimento cultural e social da criança, todas as funções ocorrem duas vezes: primeiro no nível social (entre pessoas – interpsicológica) e depois no nível individual (interior da criança – intrapsicológica). Nesta concepção sócio-histórica, a criança já nasce num mundo social e desde o nascimento, começa a formar uma visão do mundo através da interação com adultos, primeiramente com a mãe. Assim o conhecimento e o desenvolvimento deste indivíduo é construído socialmente (REGO, 2000).

Neste sentido, é válido lembrar que a afetividade da mãe com o filho ou da pessoa que desenvolve essa relação parental é de sem igual importância na formação dessa criança que será um ser físico, emocional e socialmente bem desenvolvido, pois ela tem papel primordial de mediação, primeira, da criança com o meio social e ainda, é símbolo de existência e segurança para a criança nos seus primeiros anos de vida.

Na abordagem Walloniana, compreende-se que a afetividade é um meio de manifestação, onde se refletem os sentimentos, desejos e emoções. Inicialmente essas manifestações transparecem por meio biológico/orgânico (que são as necessidades internas/básicas) e logo após, ela é influenciada pela ação do meio social/contexto (que são as necessidades externas/complementares).

O estudo da psicogênese de Wallon defende o estudo da pessoa como um todo. Neste sentido que:

A educação deve atender às necessidades imediatas de cada etapa do desenvolvimento infantil, assegurando a plena realização das disposições e aptidões atuais, ao mesmo tempo em que prepara a etapa seguinte, nutrindo a criança o desenvolvimento das atitudes e funções que estão por vir e que, de alguma forma, já se manifestam em sua atividade presente.(GALVÃO, 1993, p.36)

No bebê as necessidades imediatas estão inteiramente ligadas à afetividade que é expressa pela emoção. Desta forma se estabelece um diálogo entre o bebê e o adulto, baseado em movimentos corporais expressivos, que no início da vida se manifestam pelos espasmos

(movimentos involuntários) e depois pelo choro e sorriso intencional. Sendo, estes, atos e respostas dadas pelo ambiente, o movimento do bebê passa a ter uma resposta exterior que é do adulto que o cuida e o educa. Por tanto, a importância que o adulto dá a esse processo e a maneira como ele desenvolve seu papel nesta fase da vida do bebê é de extrema importância para o seu desenvolvimento, uma vez que as respostas do ambiente têm fator determinante na qualidade do desenvolvimento do bebê.

Para explicar a afetividade, Freud associa o conceito de afeto (affekt) diretamente ligado a pulsão (trieb). Neste sentido a afetividade é:

[...] conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida de exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo. (FREUD, 1974, p. 142).

Neste trecho, Freud nos diz que tudo aquilo que começa no nosso inconsciente chegará, mais tarde, em potencial ao nosso corpo. Com isso ele deixa claro, a ligação entre o orgânico e o psíquico, no ser humano, desde quando nascemos. Assim o estímulo/pulsar e o agir/psíquico estão interligados.

Sobre o vínculo que se estabelece entre mãe e filho e a sua importância também temos a contribuição de Bowlby (2002) que diz existir uma necessidade humana biológica de se fazer vínculos afetivos íntimos desde o nascimento até a velhice, isso como forma de garantir a sobrevivência. E na infância essa interação emocional se dá entre mãe/pai e filho, que é onde a criança busca segurança, conforto, aconchego. Mais tarde essas interações são aprimoradas e então fazemos laços afetivos com outras pessoas (parentes, amigos, namorados, etc).

CAPÍTULO II

CRIANÇA E INFÂNCIA E RELAÇÃO MÃE-BEBÊ.

2.1 – Criança e Infância, um breve histórico.

Atualmente é muito comum pensarmos em criança e infância com a ideia de que os dois sejam inseparáveis e estão inevitavelmente conectados, mas não foi sempre assim. Criança e infância, fazendo parte de um mesmo contexto é algo novo no modo de pensar.

Antigamente, criança era vista apenas como um homem em miniatura. Com isso, pouco se pensava nas crianças e em como elas deveriam ser tratadas, que elas tinham suas peculiaridades, seu modo único de agir e pensar. Pensar na criança como ser único e especial, pensar em seu desenvolvimento físico, emocional e social é algo recente. No século 17, Rousseau começou a mostrar um olhar diferente sobre a criança e suas particularidades na obra de Emilio. Segundo o autor, a criança nasce em um estado puro, natural, e a sociedade a corrompe, a “desnaturaliza” (MARTINEAU, apud TARDIF & GAUTHIER, 2010, p.164). Neste trecho ele aponta o estado (sociedade) como um agente que corrompe a criança e tira dela tudo o que ela poderia aprender e desfrutar dessa fase, que é única e muito rápida. E mais, o momento em que o desenvolvimento, principalmente físico, acontece com maior intensidade.

Para compreender melhor como surgiu e evoluiu o sentido de infância e criança é necessário que entendamos as mudanças sociais e históricas de constituição das famílias e o surgimento das escolas. Philippe Ariès (2006), em seus estudos, nos fala sobre as artes na idade média e suas formas de representar a criança. Nessa época as crianças não eram representadas como “crianças”, mas sim como adultos em miniaturas, como já foi ressaltado acima. Foi no século XIII que as pinturas começaram a trazer características mais puras, ingênuas, havia figuras de crianças em forma de anjos. Mas as crianças, na sociedade, não eram tratadas de maneira peculiar, elas conviviam com os adultos e tinham os mesmos tratamentos.

Na escola, as crianças ficavam todas juntas e aprendiam o mesmo conteúdo. O sentimento de infância não existia até então. No século VII, sentimento de infância começou a se instalar na sociedade e, é claro, na forma de educar. Havia agora, uma preocupação com a

instauração da moral na sociedade (ideia religiosa) e, nas escolas, as crianças começavam a ser separadas por idade. Foi nesta época que, no Brasil, a companhia de Jesus (os Jesuítas) instaurava o seu método de ensino nas escolas brasileiras, com o discurso de que formariam o bom homem cívico, social e moral.

Daí em diante, o sentimento de infância foi se ampliando e o interesse sobre suas peculiaridades e o respeito pelo seu período vem aumentando. Atualmente, é evidente como as crianças têm sido foco de interesse de muitos estudiosos, de muitas áreas diferentes e por muitas razões diferentes também. A complexidade e a riqueza da criança é algo que inspira a educação e o estudo de outras ciências.

2.2- A relação Mãe-bebê.

Se buscarmos na teoria da psicologia histórica crítica, veremos que ela vê o desenvolvimento como algo passível de mudanças históricas, que está diretamente ligada à educação e à sociedade em que a criança está inserida. Sendo que esta educação pode variar, numa mesma época, de acordo com as condições culturais, sociais e econômicas. Numa mesma época e também, numa mesma sociedade a qualidade do desenvolvimento de uma criança pode variar de acordo com esses fatores acima citados.

Neste sentido, podemos dizer que a “troca” de carinho, o cuidado e a atenção que se tem com a criança, independente de sua classe social/cultural tem um valor muito significativo. Pois através do afeto, a criança se sente segura, o que faz com que o seu desenvolvimento se inicie com qualidade. É, ainda, por este caminho que podemos observar o desenvolvimento infantil como um processo dialético, na troca e no diálogo único e rico que se estabelece entre mãe e bebê.

Sabemos que a mãe, seja ela biológica ou a que cuida, tem atenção, carinho e cuidados, é a pessoa que apresenta o mundo ao bebê ou à criança pequena. Por meio dessa relação e do papel maternal imprescindível que outros sujeitos surgirão na vida da criança (SANTOS, 2002)

Para Montero e Leon apud Figueredo (2003) a relação mãe-bebê é, primeiramente, uma adaptação de ambos para um mundo novo, em que eles estão juntos e, se estabelece gradualmente: “No estabelecimento da vinculação da mãe ao bebê interferem numerosas

dimensões, de cunho biológico, psicológico e sociocultural” (FIGUEREDO, 2003, p.523). Pois, a criança quando nasce nada conhece desse mundo que a rodeia, a mãe é o seu único vínculo de segurança, de aconchego, é onde o bebê se sente seguro e onde ele pode satisfazer suas necessidades físicas (mamar) e psicológicas (colo, cheiro e conforto).

Klein apud Maciel e Rosemburg (2006), destacam a importância da mãe no primeiro ano de vida da criança, porque para ele, este é o ano mais flexível na vida do bebê e, é neste momento que o seu relacionamento com a mãe dará base e segurança no início do processo de constituição da sua personalidade e na forma como esta criança se relacionará com a sociedade. Por ser o seio da mãe o primeiro contato do bebê com o mundo exterior, é ela que suprirá as suas primeiras necessidades e aflições. Neste contexto, o modo como a mãe lida com essa fase e a maneira com que o bebê recebe esse afeto é de extrema contribuição no seu desenvolvimento.

Enfim, podemos dizer que a relação mãe-bebê é o primeiro contato da criança com o mundo e, é esta relação que vai dar o primeiro suporte para a criança se integrar neste mundo. E, ainda, depende dessa relação a maneira com a qual a criança vai perceber e se comportar na sociedade e até consigo mesma, pois é esta relação que dará segurança, conforto e estímulos adequados (ou não) para a criança se desenvolver melhor. (SILVA, 2006).

2.3- O Processo de constituição da subjetividade: a brincadeira como promissora do desenvolvimento físico, social e emocional da criança.

As funções psicológicas superiores são produtos da atividade cerebral como, por exemplo, a atenção voluntária e o comportamento intencional. Possuem uma base biológica, mas fundamentalmente, são resultados da interação do indivíduo com o mundo, interação essa, mediada pelos objetos construídos pelos seres humanos. Tais funções são constituídas pela mediação por signos, sendo a linguagem o sistema de signos mais importante. (FACCI, 2006)

Buscando compreender a formação do psiquismo humano numa perspectiva historicizadora, entende-se que coletivamente, na relação entre os indivíduos, originam-se as formas superiores de comportamento, que depois convertem-se em funções psíquicas da personalidade, sendo tudo um desenvolvimento efetivamente histórico-social. Facci (2006) ainda argumenta que tal perspectiva seria uma superação da visão idealista do desenvolvimento psicológico como um mecanismo adaptativo do comportamento, como as teorias de Freud e Piaget apontam.

Alessandra Arce (2006) aponta que os estudos elaborados pelo teórico Elkonin, discutem “a complexa questão da divisão do desenvolvimento infantil em estágios”, que se daria “de acordo com a faixa etária ou com a aquisição de determinados patamares de desenvolvimento cognitivo” (p. 17). E nesse contexto, a afetividade tem um papel de condutora e facilitadora do desenvolvimento da criança. Afetividade esta, que será proporcionada, primeiramente, pela mãe.

Segundo Facci (2006), o teórico Elkonin teria definido estes principais estágios de desenvolvimento pelos quais os sujeitos passam, que se iniciaria com a comunicação emocional do bebê; depois partiria para a atividade objetal manipulatória; seguida de jogo de papéis; atividade de estudo; comunicação íntima pessoal e atividade profissional/estudo. Apontando que tais descrições de estágios não seriam regras fixas, pois os limites de idade e de cada estágio também dependeriam das condições históricas concretas nas quais estaria ocorrendo o desenvolvimento da criança. Os limites de idade então seriam alterados com a mudança das condições histórico-sociais.

A primeira etapa da vida então seria o período em que a conduta da criança começa a reestruturar-se e cada vez mais aparece processos de comportamento devido às condições sociais e influência educativa das pessoas que a rodeiam, onde o contato deste bebê com a realidade é socialmente mediado, e ele depende do adulto, pois ainda não possui os meios fundamentais de comunicação social em forma de linguagem. E a troca de carinho e afeto, a brincadeira, pressupõe a aprendizagem social, aprende-se a brincar desde o momento em que a criança vem ao mundo, inicialmente como um brinquedo do adulto.

No segundo momento, a atividade principal passa a ser a objetal-instrumental onde:

A comunicação emocional dá lugar a uma colaboração prática. Por intermédio da linguagem, a criança mantém contato com o adulto e aprende a manipular

os objetos criados pelos seres humanos, organizando a comunicação e a colaboração com os adultos.(FACCI, 2006, p 14)

A partir de um ano e meio, mais ou menos, a criança começa então, a descobrir as funções simbólicas da linguagem, onde ocorre uma operação intelectual consciente e altamente complexa.

Por volta dos dois anos de idade, o pensamento da criança evoluiria em função do domínio dos meios sociais do pensamento, da linguagem. Facci (2006, p.15) aponta que Elkonin, fala desta etapa de desenvolvimento, e que a função maior da linguagem seria a de auxiliar a criança a compreender a ação dos objetos, e assimilar os procedimentos socialmente elaborados de ação com eles.

Depois, no período pré-escolar, a atividade principal passaria a ser o jogo ou a brincadeira. Assim, a criança apossa-se do mundo concreto dos objetos humanos, através da reprodução das ações dos adultos com esses. Nas brincadeiras, as crianças demonstram a sua percepção do mundo dos objetos humanos, tomando consciência desses objetos e das ações humanas realizadas com eles, ela se esforça para agir como os adultos que a rodeiam.

Na brincadeira, na atividade lúdica, no faz-de-conta ela pode realizar ações, que na realidade ainda são impossíveis para ela executar, como andar de avião, pilotar uma moto, brincar de faz de conta, esconder e procurar, ou coisas mais simples do dia-a-dia. Sobre esse aspecto, cabe lembrar de uma afirmação de Vygotsky (1994, p. 25): “É disso que surge a brincadeira, que deve ser sempre entendida como uma realização imaginária e ilusória de desejos irrealizáveis, diante da pergunta ‘por que a criança brinca’”

A transição de uma etapa de desenvolvimento infantil para outra poderiam ser denominadas de “crises”. A necessidade interna destas mudanças de um estágio a outro surgiria por contradições, a partir do momento em que a criança se vê apta a superar o anterior modo de vida. Os momentos críticos, a ruptura, as mudanças qualitativas no desenvolvimento seriam inevitáveis, e as atividades iriam então se reorganizando. Nesse aspecto, a mãe pode e deve ser a mediadora e agir de maneira segura e acolhedora para a criança durante essas mudanças, proporcionando avanços qualitativos no desenvolvimento da criança.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

3.1 Método

Nesta pesquisa, procurou-se compreender o que as mães de crianças pequenas (bebês de 0 a 2 anos) pensam a respeito da contribuição da afetividade no desenvolvimento emocional, físico e social de seu filho(a).

Para isto, fez-se o uso de roteiro de entrevistas semi-estruturadas com perguntas sócio/econômicas e também sobre o tema deste trabalho (afetividade), investigando assim, as quatro mães que contribuíram com esta pesquisa.

Utilizou-se, como método de pesquisa, a pesquisa exploratória:

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. (GIL, 2002, p 41)

Tem-se aqui, uma pesquisa qualitativa, pois, a proposta deste trabalho é analisar o discurso dessas mães de forma a conseguir extrair delas o que elas entendem a respeito da contribuição da afetividade no desenvolvimento de seus filhos(as).

3.2 Participantes

Participaram desta pesquisa, quatro mães de crianças pequenas com idade entre 0 e 2 anos.

No questionário sócio/econômico elas disseram: ser todas casadas; suas idades são: 32, 33, 38 e 39 anos; todas possuem ensino superior completo, sendo uma geóloga, duas químicas

e uma advogada. Dessas 4 (quatro), 3 (três) delas têm apenas um filho e 1 (uma) tem dois filhos.

Todas elas disseram ter irmãos. Uma das participantes que tem apenas um filho disse ter um irmão mais velho. A outra disse ter 3 irmãos, sendo ela a segunda. E a outra entrevistada com apenas uma filha disse ter dois irmãos, sendo ela a do meio. A entrevistada que tem dois filhos disse ter cinco irmãos, sendo ela a caçula (mais nova).

Quanto à renda familiar das participantes: Uma das que tem apenas 1 (um) filho, possui renda familiar entre 10 a 15 salários mínimos. A outra possui entre 15 a 20 salários mínimos. E a terceira, das que tem apenas um filho, tem renda família acima de 20 salários mínimos. E a entrevistada que tem dois filhos afirmou ter renda familiar entre 5 a 10 salários mínimos.

Quando questionadas a respeito de religião, 3 (três) delas responderam não ter religião e 1 (uma) disse que é católica não praticante. Uma, entre as quais disseram não ter religião, disse ainda, não ter creança alguma.

3.3 Instrumentos

O instrumento utilizado foi um roteiro de entrevista com perguntas sobre o perfil sócio/econômico e com 6 (seis) perguntas sobre afetividade. Sendo elas:

Perguntas sobre afetividade:

- 1- O que você entende por afetividade?
- 2- Você considera que a afetividade contribui para o desenvolvimento físico do seu filho (a)? Por quê? Justifique! Dê exemplos!
- 3- Você considera que a afetividade contribui para o desenvolvimento emocional do seu filho (a)? Por quê? Justifique! Dê exemplo!
- 4- Você considera que a afetividade contribui para o desenvolvimento social de seu filho (a)? Por quê? Justifique! Dê exemplos!
- 5- Quando estava grávida, você conversava com seu filho? Por quê? Justifique!
- 6- Como é a sua relação com seu filho (a)? Quanto tempo vocês passam juntos diariamente? O que vocês fazem juntos?

Perfil socioeconômico:

Nome: _____ Sexo: _____ Idade: _____

Escolaridade: _____ Religião: _____ Estado Civil: _____

Por se tratar de uma pesquisa exploratória, como já mencionado no subitem 3.1, buscou-se desenvolver uma pesquisa qualitativa, onde o interesse maior, neste caso, foi a obtenção de dados a fim de extrair das mães o que elas pensam sobre a afetividade no desenvolvimento de seu filho(a).

A íntegra do instrumento encontra-se no Apêndice B.

3.4 Procedimentos

Foram convidadas, para contribuírem com essa pesquisa, mães estudantes e/ou trabalhadoras da Universidade de Brasília - UnB moradoras da região onde moro. As mães que moram perto da minha cidade disseram que passam pouco tempo em casa, porque precisam trabalhar e por isso não teriam tempo, entre outros motivos. As mães trabalhadoras e/ou estudantes da Universidade de Brasília - UnB, que foram 4 (quatro) ao todo, se mostraram mais acessíveis e concordaram em me dar uma entrevista.

Para que esta pesquisa pudesse acontecer, fui algumas vezes à Universidade de Brasília, no horário em que fosse favorável a elas para que eu pudesse fazer as entrevistas. Todas as entrevistas foram feitas individualmente e através de um “diálogo” particular e reservado.

As entrevistas aconteceram tranquilamente, embora todas estivessem com o tempo muito dividido (coisas de mães/trabalhadoras/estudantes), todas se mostraram tranquilas e dispostas a “conversar” sobre o assunto. Porém, no decorrer das entrevistas, por vezes, elas se mostravam um pouco agitadas e hesitavam por alguns segundos antes de responder determinada pergunta.

As respostas a essas questões estão representadas nas análises dos resultados.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DOS RESULTADOS

A pesquisa contou com quatro participantes, que são mães de crianças pequenas com idade entre zero e dois anos, as quais responderam ao questionário, em forma de entrevista, relativo à temática deste estudo.

Esta pesquisa baseou-se na técnica de análise de conteúdo. Análise esta, que consiste no aproveitamento dos dados obtidos através dos conteúdos das entrevistas, sendo eles compatíveis e influentes ao tema deste trabalho.

Neste sentido, Bardin (1977, p. 38) nos diz que:

A análise de conteúdo pode ser considerada como um conjunto de técnicas de análises de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e de recepção das mensagens, inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos, ou não).

Os resultados apontados pelas entrevistas, em acordo com os procedimentos desta análise, foram ordenados em seis categorias, postas a seguir na análise dos dados obtidos.

4.1 Análises das Entrevistas

A seguir, serão analisadas as seis respostas das mães sobre o que elas compreendem a respeito da contribuição da afetividade no desenvolvimento de seus filhos. Partindo das seguintes questões: O que elas entendem por afetividade; Qual é a importância da afetividade para o desenvolvimento físico do seu bebê; Qual é a importância da afetividade para o desenvolvimento emocional do seu bebê; Qual a importância da afetividade para o desenvolvimento social do seu bebê; Qual é a importância da conversa durante a gestação para o desenvolvimento seu bebê; e por fim, Como é a convivência entre mãe e filho no cotidiano.

O quadro a seguir trás a análise da compreensão do que é afetividade para as quatro mães entrevistadas.

Quadro 1: Categoria 1 – Compreensão do que é afetividade

Categoria / - Respostas	Nº de Ocorrências
<p>Comportamento afetivo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reconhecimento emocional com outra pessoa. Identificação de preocupação mútua. Às vezes só uma energia. - É a relação de carinho. Proteção, entre o bebê quem o cerca. (mãe, avós, pai...). Que é o que transmite segurança. 	2
<p>Proteção/Cuidado:</p> <ul style="list-style-type: none"> - É estar próximo, é cuidar, é prestar atenção, em relação a qualquer pessoa (marido, amigo). Mas o principal é prestar atenção, porque às vezes eu tenho afetividade, mas nem presto atenção nela, não avalio. - É cuidar sempre, proteger... 	2

Fonte: Elaboração da autora.

No Quadro 1 apresentam-se os termos, utilizados pelas mães para responder a 1ª pergunta da entrevista, na qual se questiona o que elas entendem por afetividade. Com base no quadro 1 podemos observar que as mães relacionam afetividade diretamente com o ato de carinho, afeto e cuidados.

Uma das mães entrevistadas diz que a afetividade *“É a relação de carinho. Proteção, entre o bebe e quem o cerca. (mãe, avós, pai...). Que é o que transmite segurança.”* (Marcela). Nesta exclamação podemos observar que a afetividade está diretamente associada ao ato de cuidados com carinho e, este cuidado com carinho irá fazer o bebê se sentir seguro. Ou seja, o vínculo construído nesta relação de cuidados e afetuosa é o que transmitira segurança para o bebê contribuindo para o seu desenvolvimento.

Sobre o vínculo materno e a relação de afetividade que a mãe desenvolve com o seu bebê, uma das mães disse que a afetividade *“é estar próximo, é cuidar, é prestar atenção, em relação a qualquer pessoa (marido, amigo). Mas o principal é prestar atenção, porque às vezes eu tenho afetividade, mas nem presto atenção nela, não avalio.”* (Juliana). Neste sentido, podemos observar que esta mãe associa a afetividade ao ato de observar o outro, e através desta observação, desse cuidado de principalmente prestar atenção a necessidade da criança, é que se pode desenvolver um vínculo único de reciprocidade e cumplicidade com o outro.

O meio das pessoas próximas (mãe, pai ou outro responsável) acolhe e interpreta as reações do bebe, agindo de acordo com o significado que atribui a elas: mudam-no de posição, dão-lhe de mamar, soltam-lhe as roupas. O *outro* age visando atender às necessidades do recém-nascido, mas também simplesmente para comunicar-se com ele: o adulto sorri, conversa com o bebê, canta para ele. Desenvolve-se, entre bebê e o adulto que lhe cuida, uma imensa comunicação afetiva, um diálogo baseado em componentes corporais e expressivos (GALVÃO, 1995, p 60 e 61)

Podemos destacar, nesta questão, que embora cada mãe tenha sua forma particular de se expressar, todas concordam que a afetividade está diretamente ligada aos fatores: carinho, amor e cuidado com o outro. E neste sentido, podemos dizer que todo esse cuidado especial será um instrumento fundamental na qualidade do desenvolvimento dessa criança como um todo.

Através das declarações destas mães, podemos observar que todas concordam que a afetividade desenvolvida em suas várias maneiras, seja através do carinho, cuidado e olhar atento, é a uma grande contribuinte do desenvolvimento do seu filho.

No próximo quadro, veremos de que maneira essas mães percebem que a afetividade contribui para o desenvolvimento físico de seus filhos, como e quando isso acontece.

Quadro 2: Categoria 2 – Importância da afetividade no desenvolvimento físico do bebê.

Categoria / - Respostas	Nº de Ocorrências
<p>Relações mãe/bebê e carinho como fator positivo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Afeto em forma de sorriso e carinho estimula os sentidos do bebê. Como: movimento, audição, tato e fala. - Afeto como fator promissor do desenvolvimento psicomotor. (ex: fazer necessidades fisiológicas, caminhar sozinho). - Sorriso e brincadeira como fator contribuinte/estimulador do desenvolvimento. 	3
<p>Relações Parentais como fator positivo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Férias com a família como fator potencial de desenvolvimento. 	1

Fonte: Elaboração da autora.

No quadro acima, apresenta-se as características representadas pelas mães sobre a importância da afetividade no desenvolvimento físico de seus filhos.

Nestes fatores podemos observar que de maneira geral todas concordam que a afetividade tem fator decisivo no desenvolvimento da criança. Contudo, três delas atribuem esse desenvolvimento bem sucedido ao fato da relação íntima e prazerosa dela (mãe) com o seu filho, onde se tem muitos sorrisos, brincadeiras e carinhos. E apenas uma delas considerou o fato da relação com os parentes ser substancialmente influenciável no salto de

desenvolvimento de sua filha, não relevando a possibilidade de sua relação de afeto e proximidade com a filha ser o principal fator do bom desenvolvimento da sua criança.

Uma das mães afirmou que é preciso: *“Muito sorriso e brincadeira para ajudar no desenvolvimento (porque eu percebo!). Sempre que eu chego perto dela, com sorriso, é como se fosse um “oi”, uma saudação inicial e verdadeira. E faço cócegas no bichinho e nela e aí ela dá risada. Isso estimula, porque você estica o braço e ela vai caminhar até você. Você mostra pra ela que você se importa, pelo fato dela ser é muito tímida e um pouco séria.”* (Anidena). Neste discurso podemos observar a importância que essa mãe dá a relação de intimidade/proximidade dela com a filha e o quanto essa relação contribui para que sua filha, que tem um comportamento tímido, tenha um desenvolvimento saudável e feliz. Nesta relação podemos perceber, que aliado a alegria do contato, temos a mãe que brinca e estimula o movimento físico da criança.

O movimento como forma de brincadeira foi relatado como fator positivo por todas as mães. O ato de brincar com a criança, na maioria das vezes desenvolvidas sem um ato de pensamento sobre o mesmo, é visivelmente considerado pelas mães, como um grande aliado no desenvolvimento psicomotor de seus filhos.

[...] a criança se constrói nas suas interações com o meio e a aprendizagem envolve a construção do eu e do outro, entrelaçada à construção do conhecimento, surgindo à importância de trabalhar o aspecto afetivo durante o processo cognitivo com as crianças. O contar histórias pode ser um instrumento para várias propostas que associam movimentos corporais, gestos, expressões faciais, voz e afetividade. (WALLON E VYGOTSKY, 1996.)

A relação de alegria e proximidade da mãe e/ou cuidador com a criança tem um fator único no desenvolvimento da criança e essa relação não se estabelecem de maneira sistemática, ela é complexa e cheia de peculiaridades. Para subsidiar a importância da relação de proximidade ter fator imprescindível no desenvolvimento da criança pequena, como foi relatado pelas três mães, J. Bowlby (2002) nos diz que as experiências precoces com o cuidador dão início no que, depois, se generalizará nas próprias expectativas sobre si, dos outros e do mundo, que tem fator imprescindível no desenvolvimento da personalidade da criança.

A mãe que citou o quanto é benéfica a proximidade da filha com os familiares também concorda que a proximidade da família e convivência feliz faz a diferença no desenvolvimento da filha. Ela diz: *“Sempre que ela vai para Natal, durante as férias, tenho*

impressão que ela cresce mais e, é quando ela tem mais família perto dela” (Maria). Neste trecho ela deixa evidente o quanto ela sente que o desenvolvimento da filha é melhor perto dos parentes, o quanto a multiplicidade de interações é importante para o desenvolvimento de sua filha. Portanto é perceptível que para esta mãe o desenvolvimento físico da criança está ligado ao tipo de convivência social que esta criança tem e, com que intensidade de satisfação (para a criança) é desenvolvida.

A seguir, conheceremos como as quatro mães entrevistadas compreendem a contribuição afetividade no desenvolvimento emocional de seus filhos.

Quadro 3: Categoria 3 – Importância da afetividade no desenvolvimento emocional do bebê.

Categoria / - Respostas	Nº de Ocorrências
<p>Relações de confiança:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sensação de segurança passada do adulto para criança, quando esse adulto vive junto com esta criança. - Carinho como forma de construção da segurança emocional. - Vínculo de proximidade com a mãe como fator de segurança emocional. - Afeto, amor e carinho como fator de construção de cumplicidade entre mãe e filho. 	4

Fonte: Elaboração da autora.

No quadro acima podemos observar que todas as mães atribuem o desenvolvimento emocional de seus filhos ao tipo de relação que eles têm com elas e/ou com as pessoas mais próximas aos seus filhos. O que também devemos destacar é que essas mães vinculam afeto à segurança, ou seja, para essas mães o carinho, afeto, atenção (...) que seus filhos recebem se transformará em segurança emocional.

O estabelecimento do vínculo entre a mãe e o filho é uma necessidade física e psicológica do bebê que lhe proporciona conforto e proteção. Dessa forma, a mãe é considerada a base segura para o estabelecimento das primeiras

ligações emocionais da criança que repercutirão em todas as suas relações sociais futuras. (PERRELLI, 2014, p. 258)

Para essas mães o desenvolvimento emocional de seus filhos vai depender do tipo de relação que eles têm com os seus entes mais próximos e de como esse relacionamento se desenvolverá no período da infância. Podemos visualizar esta ideia claramente em um dos discursos das mães entrevistadas: *“Quando a gente convive mais, no dia a dia, pela segurança que a criança tem nas pessoas que ela tem mais afeto (obviamente mãe e pai). Por exemplo, quando a criança quer comer e dormir e me procura eu acho que ela está buscando segurança emocional (coisa estabelecida pela afetividade). Ela tem confiança que eu vou suprir, sei lá, alguma coisa.”* (Maria). Portanto, essa relação que denota intimidade, cumplicidade e dependência mútua entre mãe e filha, tem fator positivo na maneira com a qual a criança vai perceber e se comportar na sociedade e até ela mesma.

Outro aspecto importante encontrado nos discursos das mães nos mostra o quanto à afetividade da mãe com o filho é importante na construção social do seu filho. Pude ver que, para as mães entrevistadas, o desenvolvimento emocional da criança está vinculado com o desenvolvimento social, ou este desenvolvimento será diretamente refletido no social.

Uma das mães, quando perguntada sobre a importância da afetividade no desenvolvimento emocional de sua filha, respondeu que: *“Ajuda ela a ter (pelo menos eu espero que ela tenha) um futuro mais sociável. Se eu der carinho a ela, no futuro vai passar isso pra ela. Não só a ela, mas ela vai passar isso para as outras pessoas também. Se a criança sente o carinho, o amor, isso leva ela a repetir essas interações. Uma criança que é criada num ambiente hostil, isso leva ela a ser acuada, medrosa e isso reflete no adulto que ela vai ser. Ela tem duas interações com o mundo. As coisas que ela passou: Ou ela vai se restringir e vai ser uma pessoa introspectiva ou ela vai pegar tudo o que ela passou e vai repetir (passar para o mundo)”* (Anidena). Esta mãe, bem como as outras mães entrevistadas, nos passa o sentimento de desenvolvimento emocional diretamente ligado ao sucesso de se relacionar socialmente.

Nesta categoria podemos concluir que todas as mães compartilham da ideia de que a afetividade tem um papel indispensável na construção do ser humano que seu filho será. E essa construção será bem ou mal sucedida de acordo com o afeto que esses filhos recebem das suas mães e/ou pessoas mais próximas (os cuidadores, por exemplo). Outra questão que é válida reafirmar, que foi muito presente nesta categoria, é o quanto as mães associam

desenvolvimento emocional ao social e/ou acreditam que, um está indispensavelmente ligado ao outro.

Na próxima categoria conheceremos a importância da afetividade no desenvolvimento social do bebê na perspectiva das seis mães entrevistadas, bem como essa importância é, para elas, exteriorizada.

Quadro 4: Categoria 4 – Importância da afetividade no desenvolvimento social do bebê.

Categoria / - Respostas	Nº de Ocorrências
<p>Comunicação desenvolvida:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenvoltura para se comunicar através da fala ou pela expressão. - Capacidade de questionar. 	2
<p>Segurança emocional:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estímulos positivos que darão segurança no futuro, no trabalho, na criação dos filhos, escolha dos amigos. - Autoconfiança para se relacionar/expressar na escola e em família. 	2

Fonte: Elaboração da autora.

Neste quadro, podemos visualizar a representação das respostas das mães a respeito da importância da afetividade no desenvolvimento social de seus filhos. Percebe-se que, para estas mães, embora a afetividade seja de grande importância para o desenvolvimento físico e emocional de seus filhos, ela tem seu principal papel no desenvolvimento social. Pois é na capacidade de se comunicar e de se envolver segura e tranquilamente no meio social que se manifesta o êxito do resultado da troca e dádiva (onde dádiva significa dar e receber, do entendimento social solidário) da afetividade.

Das duas mães que atribuíram a importância da afetividade no desenvolvimento social de seu filho ao fato de serem pessoas com facilidade de se comunicar e conviver bem no meio social, Marcela diz que *“o grande estímulo da afetividade no social é no desenvolvimento dos meios de comunicação do bebê, seja pelas expressões ou pela fala. Vejo que o Willian gosta de ir onde tem pessoas. Acho que o que favoreceu isso foi a minha relação com ele...”*. Neste discurso, esta mãe expressa claramente sua ideia de que sua relação com o filho tem

importância indispensável no bom desempenho de seu filho no meio social. Neste sentido e reforçando a leitura da importância da mãe para o filho no círculo social, (TOMASELLO (1999/2003^a) nos diz que, a compreensão da ação intencional, embora considerada uma adaptação biológica, não surge imediatamente e nem é plenamente desenvolvida logo após o nascimento do bebê humano. Ela é o resultado de um processo gradual de organização das ações sensório-motoras do bebê (e.g., pela imitação do comportamento dos adultos) e de identificação com seus co-específicos (e.g., sob a forma de mímicas neonatais e protoconversações), que chega ao seu auge por volta dos 9 meses de idade.

A compreensão da ação intencional consiste fundamentalmente: (1) na participação em atividades de atenção conjunta com co-específicos em relação a aspectos do mundo (Bakeman & Adamson, 1984); (2) no monitoramento da atenção e dos gestos de co-específicos em relação a aspectos do mundo; (3) na manipulação da atenção de co-específicos, por meio de gestos não-linguísticos, em relação a aspectos do mundo; e (4) na compreensão e imitação das ações e atos de fala de co-específicos em relação a aspectos do mundo e a si mesmo (Tomasello, Kruger & Ratner, 1993).

Neste sentido podemos observar que o desenvolvimento social, para Tomasello, começa desde o nascimento do bebê, contudo é necessário vários tipos de estímulos, contatos e trocas com outras pessoas para que possa existir. O bebê, então, se desenvolve socialmente e pessoalmente também, com essencial participação do outro indivíduo que é seu contato mais próximo, a mãe.

Das mães que atribuíram o desenvolvimento social principalmente a construção da segurança emocional, Maria diz sobre a filha: *“Se ela aprende a se expressar, se comunicar na família, acho que ela ganha autoconfiança para se relacionar bem na escola e fora dela (na rua)”*. Ainda sobre segurança emocional Anidena afirma sobre a filha: *“Os estímulos afetivos que ela recebe ela aplica em tudo: no trabalho, em como ela vai criar os filhos e, até na escolha dos amigos.”*

Nestes discursos podemos observar que estas mães consideram que o desenvolvimento social está vinculado a capacidade de se relacionar e tomar decisões com segurança na vida (quando criança e adulta). Portanto, podemos dizer que estas mães entendem que capacidade de se expressar, conviver em harmonia com o outro ser humano e ter segurança para tomar decisões e expor suas opiniões é que se tem por desenvolvimento social do indivíduo.

A seguir, temos a quinta categoria, que demonstra a importância da conversa durante a gravidez na perspectiva das mães, como esta conversa era conduzida e quais as pessoas que participavam dessa interação.

Quadro 5: Categoria 5 – Estímulos comunicacionais mãe/bebê durante a gestação (verbal/não-verbal).

Categoria / - Respostas	Nº de Ocorrências
<p>Comunicação no cotidiano / Relação de sensibilidade com o bebê no ventre:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Falava o que estava acontecendo durante o dia. Pedia para ele (bebê) se acalmar quando tinha muito movimento na barriga e causava enjôo. - Falava coisas do dia a dia (o que comia, quando ia tomar banho, onde iriam sair). Cantava música. - Sensação de que o filho sentia e ouvia tudo o que ela sentia. Mãe e pai mantinham diálogo com o filho, diariamente, por acreditar que fortaleceria o vínculo e ajudaria a criança a reconhecê-los. - Cantava música diariamente, fazia aulas de hidroginástica, contava as coisas que iam acontecer. Através da conversa explicava que para o filho que logo ele iria sair da barriga (hora de nascer). 	4

Fonte: Elaboração da autora.

Temos, representados, acima, os discursos das mães a respeito de como elas vivenciaram a sua gravidez. Podemos ver que todas as mães tinham em sua rotina o hábito de conversar com seus filhos diariamente. Embora, com discursos diferenciados, todas elas relataram o quanto conversavam diariamente com seus bebês (no ventre) sobre as coisas do cotidiano e, faziam questão de falar para o filho como o pai era sempre presente. Nesta fala a mãe expõe a relação de comunicação tanto dela quanto do pai com o bebê: *“Tanto eu quanto o meu marido conversava com meu filho. Todo dia meu marido chegava e falava ‘Oi Caio papai esta aqui!’”*.(Juliana). Outra mãe, além de conversar com seu bebê sobre as coisas do cotidiano, também faz alusão do pai para o bebê: *“Falava o que a gente tava fazendo. Explicava quando eu estava dirigindo. Às vezes pedia para ela fica mais calma, quando eu estava com vontade de vomitar. Explicava quando o pai estava chegando.”* (Maria). Para estas mães, é perceptível o quanto é importante que o pai seja ativamente presente na

construção da relação de vínculo familiar desde a gestação. Ainda que o pai passe pouco tempo em casa, por causa do trabalho, elas fazem questão de falar sobre eles frequentemente.

A outra categoria encontrada em todas as respostas foi a relação de sensibilidade das mães com os bebês (durante a gestação). Todas relatam o quanto sentiam que seus bebês podiam sentir o que elas estavam sentindo: *“Porque ali para mim já tinha um laço com ele e, para mim ele me ouvia e sentia tudo que eu sentia.”* (Juliana). Anidena também relata a sua relação de sensibilidade com sua filha, desde o ventre: *“Sim. Eu tinha um pequeno ritual. Depois que eu tomava banho (toda mulher tem a preocupação da estria rs) então eu passava creme. Eu falava coisas do dia a dia: - A mamãe vai comer alguma coisa. ; cantava: (musica: Bom dia, bom dia, bom dia minha querida Sophy, eu quero... quero que vivas com a paz de Jesus no coração...)”*. Sobre a relação da mãe/bebê na gestação, o movimento, a fala e troca que a mãe acredita existir entre ela e seu bebê é grande contribuição para o começo da construção de vínculo entre eles:

A percepção materna dos movimentos fetais é considerada um grande marco na gravidez, pois faz com que a mãe sinta o feto como mais real e personificado, e incrementa, por isso, as expectativas referentes a ele. É a partir da maneira como são percebidos estes movimentos que as gestantes vão atribuindo características de temperamento ao bebê, além de expressarem que a interação passou a ser recíproca, e elas podem até compreender certas mensagens dos filhos (Maldonado, 1997; Raphael-Leff, 1997; Szejer & Stewart, 1997 in: PICCININI, 2004 p. 224)

Nesta fala, o autor faz referência ao dialogismo relacional mãe/filho, o que nós leva a crer na motivação recíproca entre os dois (afetividade que se retroalimenta) e em como esse vínculo, desde a gestação, é benéfico ao desenvolvimento do bebê.

Com isto, podemos concluir, nesta categoria que:

O bebê anuncia, então, sua existência no interior dos pais muito antes do nascimento e os projetos e expectativas que envolvem a sua chegada preparam o lugar para acolhê-lo. Os aspectos concernentes a estas expectativas são diversos e importantes de ser compreendidos, pois são palavras que preparam o espaço do bebê, e, portanto, participam da relação após o nascimento. (PICCININI, 2004, p 224).

O quadro a seguir trás a última categoria, não por acaso e, demonstra a característica da convivência entre as mães entrevistadas e seus filhos no cotidiano. Dando-nos a possibilidade de perceber como mãe e filho interagem e em que espaço de tempo e lugar a afetividade acontece.

Quadro 6: Categoria 6 – Característica da convivência entre mãe e filho no cotidiano.

Categoria / - Respostas	Nº de Ocorrências
<p>Divisão do tempo e das tarefas com o pai/cuidador:</p> <p>- Pai passa todas as manhãs com a filha e a deixa na “escolinha” depois do almoço. Depois da escola a mãe fica com a filha e faz todas as atividades de rotina. O sono noturno é sempre embalado (na cadeira de balanço) com a filha entre as pernas da mãe.</p> <p>- A mãe leva o filho para a escola pela manhã. Mãe almoça com o filho, brinca um pouco com ele depois do almoço e ela vai trabalhar. À tarde o filho passe com o pai nas terças e quintas e, com a avó materna nas segunda, quartas e sexta. A noite é a mãe quem dá o banho, jantar e o coloca para dormir sempre com musica e/ou estórias. Nos finais de semana os pais passeiam com o filho.</p>	2
<p>Dedicação integral ao filho até 2 anos de idade:</p> <p>- Os dias foram integralmente dedicados ao filho até que ele completasse 2 anos de idade. A mãe (professora) dava aula apenas no período noturno, período este, que o pai ficava com os filhos. A mãe brinca de faz de conta, de bonecos, assiste TV com o filho sempre.</p>	1
<p>Maternidade e trabalho (filho vai para creche no mesmo horário em que a mãe trabalha).</p> <p>- Todas as manhãs de segunda a sexta-feira, a mãe leva a filha para a creche no mesmo turno de seu trabalho. Depois do trabalho a mãe pega a filha na escola e vão para a casa. Elas almoçam e passam todas as tardes, brincando, juntas. O pai sempre chega depois que a mãe já realizou quase todas as tarefas diárias com a filha e enquanto a mãe cozinha ele fica com a filha. Após os adultos terem jantado é a mãe quem coloca a filha para dormir geralmente com uma leitura.</p>	1

Nesta categoria, temos representadas, as respostas das mães a respeito de como é sua rotina com seus filhos. Das mães entrevistadas, podemos observar que duas delas dividem sua rotina de trabalho e “cuidar” do filho com seu parceiro/cuidador. Essas mães que responderam dividir o tempo entre cuidar (passar tempo) com o filho e trabalhar e ter a participação integral do pai neste processo, Maria diz: *“Eu não passo tantas manhãs com ela. Algumas manhãs. Mas fim de tarde e a noite. Eu a coloco pra dormir todos os dias. A gente lancha junto à noite. Ela bota o jogo americano no chão e fala que ta fazendo piquenique e, ela bota a minha comida na minha boca e eu coloco a dela na boca dela. Ela ajuda arrumar as coisas, coloca o copinho no chão, pede pra eu levar minha banana...”* Marcela, conta (de maneira otimista) como é sua rotina com o filho: *“Ele dorme na cama dele, dai ele sai da cama dele e vai para o meu quarto.[...] Eu o arrumo, dou leite de cabra (na sala e no copo), o arrumo para escola e levo. Levo-o para escola e ele fica lá e quando da 11h40min eu busco ele na escola e a gente vai almoçar. Dai a gente almoça, a gente brinca e ele fica com o pai. Depois o pai o bota para dormir. À tarde eu venho pra UnB e ele vai dormir [...]”*

A mãe que respondeu dar atenção integral aos seus filhos até que ele completassem 2 anos de idade, ainda disse que seu cotidiano com o filho sempre foi regado de brincadeiras e contação de estórias: *“Eu sempre participo muito. Com o Caio eu brinco com todos os bonecos, assisto desenho, sei o nome dos bonecos, sento pra assistir filme, brinco, fantasio”* (Juliana).

Enfatizando a importância dos pais no cotidiano da criança, BOWLBY (2002) propõe, em sua teoria, existir uma necessidade humana de desenvolver vínculos afetivos íntimos, com função biológica de sobrevivência da espécie, desde a fase fetal até a velhice. Durante a infância, esses vínculos são formados entre a criança e os pais em busca de proteção, conforto, carinho... Na adolescência esses vínculos são modificados e então passamos a criar laços com outras pessoas (amigos, namorados, entre outros).

Na ultima categoria, está a mãe que respondeu conciliar a maternidade com trabalho fora de casa. Esta mãe faz parte da camada de mães e “pães” que trabalham fora e deixam os filhos na escola no mesmo período em que trabalham. Esta mãe respondeu que a filha na escola no mesmo período em que ela trabalha e no resto do dia elas fazem as atividades juntas. O pai, que também trabalha fora, participa pouco do cotidiano da filha. Ele chega de noite e passa pouco tempo com a filha. As atividades noturnas, como sono e comida, também são feitas pela mãe, embora o pai esteja em casa: *“[...] Às 18hs ela janta e às 19hs ela toma*

banho e ela fica comigo para jantar também. Coloco-a no cadeirão e ela sabe que precisa me esperar para jantar. Oito e meia ela toma mama (peito) e ela vai dormir. Na hora de dormir eu conto uma história (estamos na bíblia da criança) e eu canto também. A musiquinha pra dormir varia muito. Nisso ela já tá dentro do berço. E “infelizmente” a Sophy só dorme segurando o meu dedo indicador.”(Anidena). Podemos observar, neste discurso, que é a mãe quem tem o vínculo íntimo com a filha, pois o pai participa pouco do processo de interação afetivamente íntima com a filha.

Nesta última categoria podemos concluir que embora o tipo de interação com os filhos sejam variados em cada família, todas elas se preocupam com a interação próxima com os filhos. Em todas as respostas pudemos perceber que as mães se esforçam para que os pais participem do cotidiano dos filhos de maneira ativa. A compreensão da importância da atenção e da compreensão que os pais têm que ter com os filhos é visível nestas mães. Para nos apoiar nesta compreensão de que desenvolvimento com êxito é aquele que acontece com amor e olhar atento, Cerqueira (2001, pg 16), nos diz que:

E da mesma forma que ama quem é amado, escuta quem é escutado. A escuta sensível, tema a ser tratado neste livro, é exatamente essa proposta de troca mútua, entre quem fala e quem escuta, em que ambos sujeitos do processo se doam para que haja a aceitação total da complexidade e completude do ser humano. O processo da escuta sensível é uma prática que necessariamente precisa acompanhar as diversas fases da evolução humana, pois ela também é uma das promissoras para o desenvolvimento integral do sujeito, na medida em que este constitui-se como tal na relação com o outro. A escuta sensível é uma grande possibilidade de crescimento, pois à medida que se escuta as angústias do outro, há uma aproximação deste, um conhecimento, e, ao conhecermos o outro, aprendemos a nos conhecer também.

Nesta última categoria podemos concluir que embora o tipo de interação com os filhos sejam variados em cada família, todas elas se preocupam com a interação próxima com os filhos. O afeto e a dedicação que essas mães demonstram ter por seus filhos deixam claro que elas percebem o quanto o relacionamento afetivo, atencioso e sensível é importante para a educação/desenvolvimento de seus filhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O universo infantil, as crianças, suas maravilhas e principalmente o desejo de conhecer e contribuir com a relação mãe/cuidador e seu bebê foi o motivo inspirador desse estudo.

Este estudo teve o intuito de investigar o que as mães pensam sobre a afetividade no desenvolvimento emocional, físico e social do seu filho(a) e, foi de grande contribuição para o estudo da importância da afetividade na relação mãe/bebê nos primeiros anos de vida da criança, bem como para perceber como as mães, atualmente, tem percebido a importância dessa relação e como elas podem desenvolver essa relação com êxito.

Como foi dito anteriormente, as mulheres/mães atualmente também são trabalhadoras e precisam “dividir” seu tempo entre a família e o trabalho. Com o fato desse novo contexto, pudemos perceber que estas mães se dedicam a conciliar seu tempo à família e ao trabalho. Neste contexto pudemos também perceber que a presença dos pais na educação e atividades com os filhos tem crescido muito, com isso a criança está sempre com a mãe ou com o pai, o que faz com que esta não seja negligenciada e faz com que a relação de afeto e vínculo seja construída entre mãe e filho, mas também, e não menos importante para elas, como pudemos ver, entre pais e filho.

A participação da família (tanto do pai, como dos parentes mais próximos) no processo de desenvolvimento da criança é, para estas mães, de extrema importância. Elas entendem que os filhos precisam muito dele nesse processo, mas que a participação da família também é essencial. Pudemos observar nas análises o quanto estas mães se preocupam com o convívio social dos filhos e isto está indispensavelmente ligado ao desenvolvimento da pessoa na sua integridade.

Outro aspecto importante que devemos considerar neste estudo é o fato de que embora todas as mães entrevistadas sejam trabalhadoras e profissionalmente reconhecidas, há um caso em que uma das mães optou por não trabalhar durante os dois primeiros anos de vida dos dois filhos. Esta mãe, em particular, fez refletir sobre o fato de que mesmo mães trabalhadoras e com famílias estruturadas e pai presente, ainda decidem se dedicar exclusivamente aos filhos quando pequenos, por acreditarem serem indispensáveis ao filho, em todos os quesitos, durante esse tempo.

Poder observar o amor, o carinho, a dedicação e responsabilidade que essas mães demonstraram ter pelos filhos, foi fascinante. É inspirador poder ver como estas mães se contorcem para conseguir seu espaço social (se manter no mercado de trabalho após a maternidade) e ainda, dedicar seu tempo, seu pensamento, sua força e perseverança para ter condições de ser ativa na construção da família e poder ser exemplo para os filhos.

Entende-se que as mães têm um papel insubstituível no processo de construção do desenvolvimento da criança e também na construção da personalidade, que por mais adicional e bem intencionado que seja o convívio com outros cuidadores com a criança pequena, apenas o vínculo entre mãe e filho, nos primeiros anos de vida, é capaz de desenvolver com eficiência e naturalidade, potencialidades e segurança na criança, dentre outros benefícios, que mais tarde se tornará em um adulto seguro e que acrescenta na nossa sociedade.

Estas mães nos fazem refletir o quanto é importante que continuemos estudar sobre o universo da relação afetiva entre mãe/bebê e instruir as gerações o quanto benéfico é para as mães e para todos da sociedade que tenhamos consciência que o afeto é o maior potencial de uma vida bem vivida e, que isso é o que faz uma sociedade ser saudável ou não, acima de todo e qualquer nível de desenvolvimento intelectual.

Por fim, conclui-se que a relação afetiva entre mãe/bebê é o pilar da construção de um ser humano seguro, bem desenvolvido e que acrescenta na sociedade.

PARTE III

PERSPECTIVA PROFISSIONAL

PERSPECTIVA PROFISSIONAL

A conclusão deste trabalho e o fim desta etapa em minha vida, por vezes me pareciam utópico. Mas, mais uma vez, eu pude ver que a perseverança, a fé, e a ajuda do próximo são fatores que fazem com que as dificuldades sejam vencidas e os objetivos/sonhos alcançados.

Durante todo meu percurso acadêmico eu pude conhecer um pouco sobre a educação, de jovens, adultos e criança e só tive a certeza de que fiz o curso certo, no qual eu quero seguir atuando profissionalmente e academicamente. Minha maior alegria, no mercado de trabalho, é poder trabalhar com as crianças e sentir que sou uma pessoa que soma para o bem, para o sensível, para a escuta do próximo e que contribui para o desenvolvimento infantil.

Estou esperando ser chamada, neste próximo semestre, para trabalhar na secretaria de educação, como professora temporária. Contudo pretendo participar do próximo concurso para ser professora efetiva da Secretaria de Educação do Distrito Federal

Agora, mais do que nunca, tenho intenção de continuar meus estudos, começando com uma especialização em psicologia infantil, pelo desejo de aprender cada vez mais sobre o universo dos pequenos e para continuar me qualificando. Paralelamente a isso vou pensar em um projeto para tentar um mestrado em psicologia da educação ou, fazer uma nova graduação em psicologia.

A psicologia e a educação infantil, entrelaçadas, é uma temática que sempre me despertou interesse, me fez sentir de fato útil e feliz, mas a chegada do Arthur Severo, meu filho, em minha vida, me fez ter a certeza de que vou seguir neste caminho para ser uma pessoa e mãe cada vez melhor. Quero dar minha contribuição através da educação na sala de aula ou não, através do meu cuidado afetuoso e do meu conhecimento, para as crianças.

Nesta perspectiva, minha vontade maior, é afetar e ser afetada pelos que me rodeiam e ser na vida deles alguém que soma para o bem comum e para o desenvolvimento de qualidade do ser humano.

REFERÊNCIAS

ALLAN, Sylvio; SOUZA, Carlos Barbosa Alves de. Intencionalidade em tomasello, searle, dennett e em abordagens comportamentais da cognição humana. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 241-248, June 2011. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722011000200015&lng=en&nrm=iso>. acesso on 06 maio 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722011000200015>.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOWLBY, J. **Apego: a natureza do vínculo**. 3rd ed. São Paulo: Martins Fontes; 2002.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Câmara dos Deputados, 1988.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2010.

_____. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional. 1961.

GALVÃO, Izabel. *Henry Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Petrópolis: 1995.

GIL, Antônio Carlos. Como classificar as pesquisas. _____. **Como elaborar projetos de pesquisa**, v. 4, p. 41-56, 2002.

----- **Indicadores da Qualidade na Educação Infantil**. Ministério da Educação / Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2009.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da

educação nacional. Brasília: Câmara dos Deputados, 1996.

_____. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, v. 1, 2006b.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 1v.

BRETHERTON, I. (1992) **The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth**. *Developmental Psychology*, vol. 28, nº 5, pp. 759-775.

CERQUEIRA, T. C. S.; SOUSA, E. M. **Escuta Sensível: o que é? (Escuta Sensível em diferentes contextos laborais)**. In: CERQUEIRA, T. C. S. (Org.) *(Con)Texto em escuta sensível*. Brasília: Thesaurus, 2011.

CORRÊA, Bianca Cristina. Considerações sobre Qualidade na Educação Infantil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 119, p. 85-122, jul. 2003.

DICIONÁRIO AURÉLIO. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Editora Nova Fronteira. 1 cd-rom, 1994.

ELKONIN, D. B. **Psicologia do jogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FACCI, M.G.D. Os estágios do desenvolvimento psicológico segundo a psicologia sóciohistórica. In: ARCE, A. e DUARTE, N. **Brincadeira de papéis sociais na educação infantil: as contribuições de Vigotski, Leontiev e Elkonin**. São Paulo, Xamã, 2006.

FEIO, Isabel. Gravidez: A História Interior. **Aná. Psicológica**, Lisboa, v. 16, n. 3, set. 1998 Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82311998000300014&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 29 maio 2015

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FORMOSINHO, Julia Oliveira. Contextualização do Modelo Curricular HIGH/SCOPE no Âmbito do “Projeto Infância”. In: ZABALZA, M. A. **Qualidade em Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 141-170.

FRANCO, M. L. P. B. *Análise do conteúdo*. Série Pesquisa. Brasília: Liber Livro, 2002.

GALVÃO, Izabel. "Uma reflexão sobre o pensamento pedagógico de Henri Wallon." *Construtivismo em Revista*. São Paulo: FDE-Diretoria Técnica(1993): 33-39.

MACIEL, Rubens de Aguiar and ROSEMBURG, Coronélio Pedroso. **A relação mãe-bebê e a estruturação da personalidade**. Saude soc. [online]. 2006, vol.15, n.2, pp. 96-112.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. *Psicologia da Educação*, n.20, São Paulo, junho de 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-69752005000100002&script=sci_arttext. Acesso em: 18 de novembro de 2012.

MARQUES, L. P.; OLIVEIRA, S. P. P. Paulo Freire e Vygotsky: **Reflexões sobre a Educação**. V **Colóquio Internacional Paulo Freire**, Recife, Recife, p. 1-12, 2005. Disponível em: www.paulofreire.org.br, Acesso em: 25/07/2014.

MARTINEAU, Stéphane. Jean-Jacques Rousseau: o Copérnico da pedagogia. InTardif&Gauthier (Orgs.). *A Pedagogia: Teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias*. Petrópolis: Vozes. P. 164, 2010.

MUDADO, T. H. **A brincadeira como educação da vontade**: cumprir as regras é fonte de satisfação. *Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais, Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social (Programa de Engenharia de Produção da COPPE/UFRJ)*, n. 8, Rio de Janeiro, p.18-22, 2008. Disponível em: <http://www.ltds.ufrj.br/gis/anteriores/rvgis11.pdf>.> Acesso em 13 out. 2013.

NÓVOA. A. **Profissão Professor**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1999.

PEREIRA, L. M. L. *Relatos orais em ciências sociais: limites e potencial*. In: *Análise & Conjuntura*. Belo Horizonte, v. 6, n. 3, p. 109-127, set./dez, 1991.

PEREIRA, Maria Da Graça; SANTOS, Ana Cristina e RAMALHO, Vera. **Adaptação à gravidez: Um estudo biopsicossocial** . *Aná. Psicológica* [online]. 1999, vol.17, n.3, pp. 583-590. ISSN 0870-8231. <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v17n3/v17n3a18.pdf> acesso em: 20/04/2014.

PERRELLI, Jaqueline Galdino Albuquerque et al . Instrumentos de avaliação do vínculo entre mãe e bebê. **Rev. paul. pediatr.**, São Paulo , v. 32, n. 3, p. 257-265, Sept. 2014. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-05822014000300257&lng=en&nrm=iso>. Access on 05 July 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-0582201432318>.

PIAGET, J. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. Rio de Janeiro: LCT, 1971.

PILETTI, C. **História da Educação: de Confúcio a Paulo Freire**. São Paulo: Contexto, 2012.

PRESTES, Z. **Quando não é quase a mesma coisa**: traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

REGO, Maria C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico cultural da educação**. Editora Vozes Limitada, 2000.

DE SOUZA, M. T. C. C.; COSTA, Maria Thereza. As relações entre afetividade e inteligência no desenvolvimento psicológico. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 27, n. 2, p. 249-254, 2011.

SOUSA, Maria de Fátima G. de. Aprendizagem, Desenvolvimento e Trabalho Pedagógico na Educação Infantil: significados e desafios da qualidade. In: TACCA, Maria Carmen V. R. (org.). **Aprendizagem e Trabalho Pedagógico**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2006. p. 95-127.

TARDIF, M., CLERMONT, G. (Orgs.). *A pedagogia: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias*. Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 2010.

Tomasello, M. (2003). *Constructing a language: A usage-based theory of language acquisition*. Cambridge, MA/London: Harvard University Press.

Tomasello, M., Carpenter, M., Call, J., Behne, T., & Moll, H. (2005a). Understanding and sharing intentions: The origins of cultural cognition. *Behavioral and Brain Sciences*, 28, 675-691. *ition*. Cambridge, MA/London: Harvard University Press

Tomasello, M., Carpenter, M., Call, J., Behne, T., & Moll, H. (2005b). In search of the uniquely human. *Behavioral and Brain Sciences*, 28, 721-727.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Edições 70, LDA, 2005.

WALLON E VYGOTSKY, L. S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2007. 288 p.

_____. (1989) *Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas.

APÊNDICES

APÊNDICE - A



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROJETO 5 - TCC

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

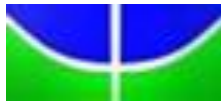
Eu _____, RG, _____,
CPF: _____ autorizo a pesquisadora **Aline Cristina Avellar de Almeida**,
estudante da Universidade de Brasília do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação,
cujo projeto de pesquisa é denominado — A CONTRIBUIÇÃO DA AFETIVIDADE NO
DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL, FÍSICO E SOCIAL DA CRIANÇA: RELAÇÃO
MÃE/BEBÊ sob orientação da Profa. Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira, a utilizar-se
das informações obtidas no Questionário, do qual participo, por meio de respostas escritas,
obedecendo aos critérios da ética de pesquisa, na qual está **assegurado o total
anonimato**. Declaro-me ciente e concordo com o acima exposto.

_____/_____/_____
Assinatura do Participante/RG Data

Caso deseje obter o resultado desta pesquisa, por favor, pode entrar em contato pelo meu
e-mail a partir de agosto de 2015.

alineavellar@gmail.com

Agradeço antecipadamente,
Aline Cristina Avellar de Almeida.

APÊNDICE – B

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROJETO 5 - TCC**

Graduanda: Aline Cristina Avellar de Almeida (Curso de Pedagogia ofertado pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UnB)

Profa. Orientadora: Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira – UnB

Estamos realizando uma pesquisa para a qual necessitamos da sua colaboração. Por não se tratar de uma pesquisa de avaliação, não há respostas certas ou erradas, apenas queremos conhecer a sua opinião. Esteja certo de que será garantido o anonimato e que os dados coletados serão utilizados academicamente nesta pesquisa. Desde já, agradecemos a sua participação.

Questionário para entrevista de mães de bebês.

- Você considera que a afetividade contribui para o desenvolvimento físico do seu filho (a)? Por quê? Justifique! Dê exemplos!
- Você considera que a afetividade contribui para o desenvolvimento emocional do seu filho (a)? Por quê? Justifique! Dê exemplo!
- Você considera que a afetividade contribui para o desenvolvimento social de seu filho (a)? Por quê? Justifique! Dê exemplos!
- Quando estava grávida, você conversava com seu filho? Por quê? Justifique!
- Como é a sua relação com seu filho (a)? Quanto tempo vocês passam juntos diariamente? O que vocês fazem juntos?

Perfil socioeconômico

Nome: _____ Sexo: _____ Idade: _____

Escolaridade: _____ Religião: _____ Estado Civil: _____

Quantos filhos: _____ Qual a ordem do caçula? _____

Tem irmãos? _____ Qual a sua ordem entre os irmãos? _____